



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE NACIONAL
PROFARTES -UFPB**

RENATO BARROS BARBOSA

**TEATRO PLAYBACK NA ESCOLA: UM ESTUDO PARA UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA**

**JOÃO PESSOA
2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B248t Barbosa, Renato Barros.

Teatro playback na escola : "um estudo para uma proposta pedagógica" / Renato Barros Barbosa. - JoãoPessoa, 2020.
76 f. : il.

Orientação: Paula Alves Barbosa Coelho.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Teatro - Educação. 2. Playback theatre. 3. Histórias pessoais. 4. Arte teatral. 5. Educação - Habilidades artísticas. I. Coelho, Paula Alves Barbosa.
II. Título.

UFPB/B

CDU 792:37(043)

RENATO BARROS BARBOSA

**TEATRO PLAYBACK NA ESCOLA: UM ESTUDO PARA UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional – PROFARTES/UFPB para a obtenção do título de Mestre em Artes, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Paula Alves Barbosa Coelho.

JOÃO PESSOA

2020

TEATRO PLAYBACK NA E

SCOLA: um estudo para uma proposta pedagógica

BARBOSA, Renato Barros¹

RESUMO

O artigo proposto tem o objetivo de apresentar o Teatro Playback, sua origem e sua aplicação como uma proposta pedagógica, destinada a alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental II. A referida proposta buscará através do uso desta metodologia favorecer o desenvolvimento de habilidades artísticas criativas, uma vez que se trata de uma modalidade teatral cujo improviso é a sua principal característica ao mesmo tempo em que proporciona ao educando a vivenciar suas histórias imediatamente transformadas em arte. Tendo em vista que a linguagem teatral faz parte do currículo escolar, promovendo o autoconhecimento, o desenvolvimento da expressão, da comunicação, facilitando o processo de interação entre os alunos e o respeito mútuo, contribuindo assim para a educação integral do aluno. Como metodologia, para obter os objetivos sugeridos no trabalho, utilizamos as técnicas dos jogos teatrais, bem como as formas utilizadas pelo Teatro Playback (esculturas fluídas, pares, coro, história em quadrinho, três momentos, confabulando etc.). Dessa forma os alunos / atores conseguem atingir os objetivos sugeridos pelo trabalho.

Palavras-chave: Playback Theatre. Histórias pessoais. Arte. Educação. Teatro na educação.

PLAYBACK THEATER AT SCHOOL: a study for a pedagogical proposal

ABSTRACT

The proposed article aims to present Playback Theater, its origin and its application as a pedagogical proposal, aimed at students in the eighth grade of Elementary School II. This proposal will seek, through the use of this methodology, to favor the development of creative artistic skills, since it is a theatrical modality whose improvisation is its main characteristic, while at the same time allowing the student to experience their stories immediately transformed into art. Considering that theatrical language is part of the school curriculum, promoting self-knowledge, the development of expression, communication, facilitating the process of interaction between students and mutual respect, thus contributing to the student's integral education. As a methodology, to obtain the objectives suggested in the work, we used the techniques of theatrical games, as well as the forms used by Playback Theater (fluid sculptures, pairs, choir, comic book, three moments, confabulating, etc.). In this way, students / actors can achieve the objectives suggested by the work.

Keywords: Playback Theatre. Personal stories. Art. Education. Theater in education.

¹Mestrando em Artes, pelo Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Metodologia para o Ensino da Arte, pelo FACINTER e graduado em Educação Artística com habilitação em Artes Visuais, pelo Centro Claretiano de Educação-SP. Professor de Arte, na Rede Municipal de Ensino – Campina Grande e professor de Arte na Rede Estadual de Ensino-PB.

1 INTRODUÇÃO

Como seres sociais, é possível que, ao longo de nossa vida, caminhemos segundo as tradições e conceitos preestabelecidos por nossa comunidade. A forma como falamos, agimos, pensamos é o que nos define, até que em um momento acontece algo inusitado que nos modifica, que nos transforma e passamos, então, a enxergar as coisas por outra perspectiva. Foi assim que aconteceu ao nos depararmos com o Teatro Playback. Não foi uma busca, foi uma casualidade que nos fez conhecê-lo!

Muitas são as técnicas teatrais que trabalham com a improvisação de histórias pessoais. Alguns grupos as utilizam como um elemento que contribui para o processo de engajamento e interação dos atores; outros para a construção da dramaturgia ou como elemento final de uma montagem. Segundo Jo Salas (2000), o Playback Theater trata-se de uma forma teatral na qual um grupo de atores, conduzidos por um diretor, encena ora as próprias histórias, ora as da plateia sem que haja uma combinação prévia entre os artistas. E para que se tenha sucesso na realização deste tipo de atividade, tornar-se necessária a criação de um ambiente seguro e acolhedor para os envolvidos.

O Playback, enquanto teatro de improviso, diferencia-se das formas tradicionais de encenação pelo fato de não transformar o que foi relatado e sim representá-lo em sua essência, mantendo o respeito à narrativa original, criando, desta maneira, um vínculo entre o narrador e a encenação. Dentre as técnicas de improvisação, essa técnica talvez seja a mais direta, pois consiste na representação improvisada da história logo após ser contada, sem que a mesma passe por nenhum processo de preparação.

Em um grupo de Teatro Playback o treinamento da prática teatral é realizado tendo como fonte as histórias dos próprios atores que se revezam, ora em cena, ora na plateia, criando uma dinâmica que possibilita ao integrante viver as duas condições necessárias para que se realize: as histórias contadas e as histórias encenadas.

Entre as experiências que o Teatro Playback já nos proporcionou, recordamos de uma que deixou claro para todos os atores envolvidos no processo artístico, a necessidade de colocarmos emoção e verdade em cada palavra dita nas narrações apresentadas. Durante um dos ensaios, no ano de 2014, pudemos presenciar uma

das mais tocantes e emocionantes cenas de teatro, quando um dos atores, naquele momento narrador, falou da relação abusiva que havia sofrido por parte de seu pai, durante a infância. Logo após a narração, o grupo de atores, sem nenhuma combinação prévia, transformou aquela história em uma encenação teatral. Mesmo não havendo um elemento surpresa, pois nessa técnica nada é modificado, o fato de ter sua história transformada em arte trouxe à tona muitas outras emoções reconhecidas pelo narrador, mas também a sensação de pertencimento e valorização de sua história recontada em uma linguagem artística.

A partir dessa experiência com o teatro e considerando nosso ambiente de trabalho, a sala de aula, compreendemos que a técnica do Playback poderia ser utilizada como uma ferramenta didática para que o educando, através da aplicação de suas formas e da concretização das cenas, propriamente ditas, fosse contemplado, não só com a ampliação do universo artístico, mas também com a formação do sentimento de pertencimento à comunidade em que está inserido.

Diante disso, elaboramos uma proposta metodológica para ser aplicada na escola, refletindo sobre a necessidade de aproximar o corpo discente das artes. Para tanto, elencamos como objetivo geral desta proposta, apresentar uma sequência didática, em forma de cartilha², que possa ser realizada de forma prática. A partir da criação de um grupo de Teatro Playback, na escola, com alunos do Ensino Fundamental II se utilizará as técnicas do Teatro Playback buscando desencadear, por meio de sua metodologia, uma sequência artístico-criativa, baseada nas histórias de vida dos próprios alunos e ressignificadas no contexto prático do teatro. A partir disso, tomamos os seguintes objetivos específicos: aplicar as técnicas do Playback como ferramenta para a coleta das histórias de vida dos alunos; desenvolver, através da materialização das histórias dos alunos, seu pensamento criativo e, por fim, expandir a vivência teatral em apresentações direcionadas à comunidade escolar, quer sejam alunos, professores e pais, propiciando, através da prática, uma experiência artística única.

2 EXPERIÊNCIAS HUMANAS REPRESENTADAS POR MEIO DA ARTE

² Vide Anexo

O que acontece quando entramos em contato com alguma manifestação artística, como um quadro, uma música, uma peça de teatro ou um filme? Por que a arte nos faz refletir? Por que nos faz rir, chorar, mesmo que o que esteja sendo representado não tenha uma relação específica com nossa história de vida? Será que é por que em algum momento nos encontramos, nos sentimos contemplados?

Quando trabalhamos com o teatro Playback essa experiência se potencializa, pois o humano representado está ali, vivendo e revivendo emoções suas e não de outros. Ele presencia, naquele instante, a sua própria história.

Num espetáculo de Teatro Playback se incluem várias formas de interpretar as histórias da plateia. Geralmente uma sequência de técnicas permeia a apresentação: inicia-se com pequenas e rápidas encenações chamadas de esculturas fluídas (representação em forma de escultura corporal, a partir de narrações curtas de pequenas emoções), em seguida, pares, coro, três momentos e cenas longas, que normalmente são feitas nos momentos finais, entre outras que serão detalhadas na proposta pedagógica sugerida.

Nossas experiências como ator e professor nos motivaram a propor uma intervenção educativa em que as técnicas do *Playback* sejam utilizadas como metodologia, de forma a propiciar aos alunos um processo criativo, partindo de suas próprias histórias de vida. Para elaborar esta intervenção, utilizamos como sistemática, dentro de uma perspectiva pedagógica, o ensino de teatro em sala de aula, pois como preconiza Antônio Ferrara, fundador da São Paulo *Playback Theatre*, em 1988, em uma entrevista concedida a Thais Carvalho Hercules, Doutoranda em Artes e Teatro pelo Instituto de Artes da UNESP, “cada um de nós temos nossas histórias, e sejam elas tragédia ou comédia, tanto aprendemos como ensinamos por meio do que vivenciamos” (HERCULES, 2011). Ainda segundo o autor, a vida é uma arte.

COMO NOS RELACIONAMOS COM A ARTE?

– Alguém tem uma história que gostaria de ver transformada em arte? Pode ser uma história curta, uma emoção recente, uma situação vivida há pouco tempo atrás, hoje ou ontem. Mas pode também ser algo que viveu há um bom tempo, que você gostaria de ver encenada pelos atores.

– Eu tenho uma história!

É assim que se inicia a apresentação de uma companhia Playback, convidando alguém da plateia para contar uma história.

E já que estamos falando em história, vamos contar um pouco da nossa. Meu nome é Renato Barros. Iniciamos nossa vida artística ainda na adolescência, cursando o científico (hoje Ensino Médio). Para tentar melhorar o desempenho no vestibular, resolvemos fazer um curso de redação em uma instituição de cultura de nossa cidade, a Fundação Artística e cultural Manuel Bandeira (FACMA). Um dia, ao término de uma das aulas de redação, nos encantamos com uma exposição que ocorria no porão da casa onde a fundação funcionava, que era o resultado das aulas de desenho artístico. Daquele momento em diante não tivemos mais dúvidas, aquilo era o que queríamos fazer! Estava ali nossa entrada para o mundo das artes!

Após a matrícula, o fascínio com as técnicas de desenho só aumentava, depois foi pela pintura que nos apaixonamos. Como artista plástico, participamos de algumas exposições e ministramos aulas de desenho artístico. Em 1984, conhecemos o teatro de Campina Grande, cidade do interior da Paraíba, através do professor de desenho, Arimarques Gonçalves, que também era ator e já fazia parte do movimento teatral da cidade.

Nossa experiência com o teatro ocorreu, primeiro, como espectador e depois como ator, em algumas produções, mas logo migramos para a área técnica do teatro, ora como cenógrafo ou iluminador, ora como maquiador ou aderecista. A convivência com grupos de teatro nos conduziu ao desafio de dirigir. Então, tornamo-nos diretor de espetáculos teatrais.

Havia uma carência muito grande de diretores teatrais em nossa cidade e por isso, boa parte dos espetáculos acabava tendo direção coletiva. Tanto por essa razão quanto por uma identificação com o segmento técnico do fazer teatral, enveredamos nesse ofício. Nosso grupo buscava identidade para seu trabalho, então optamos pelo teatro infantil.

Costumamos dizer que a arte nos levou à educação. O fato de estar trabalhando com teatro infantil fez com que nos aproximássemos das escolas, pois como vendíamos nossos espetáculos para essas instituições, nada mais natural que houvesse uma aproximação. Foi a partir dessa boa relação, entre as atividades teatrais que realizava e a comunidade, que começamos a ministrar oficinas de artes visuais e de teatro em algumas escolas, montando exposições para as mostras pedagógicas e espetáculos de finalização de ano letivo.

Na educação, começamos a atuar no ano 2000, em escolas particulares, como Professor de Arte, nas linguagens de artes visuais e teatro. A princípio, pensávamos que bastava ser artista para ser professor, porque quando ministrávamos oficinas, os encontros eram sempre satisfatórios, então havia essa ideia de que o dia a dia da sala de aula seria próximo da nossa experiência, mas não foi bem assim.

Na primeira semana, as aulas foram um sucesso, só que um mês depois já não sabíamos mais o que fazer, pois até então estávamos fazendo o caminho inverso, uma vez que fomos atuar como professor, sem o ser de fato. Isso nos causou muitas dificuldades atreladas também à burocracia e à realidade das escolas como, salas lotadas e o tempo escasso para cada aula. Pudemos perceber que as metodologias adotadas tinham que ser repensadas. Foi um período difícil que muitas vezes nos levou a pensar em desistir, mas ao mesmo tempo, o prazer de estar em sala nos fez buscar formação específica para continuar na docência.

Em 2009, ingressamos na rede pública de ensino como professor concursado da Prefeitura Municipal de Campina Grande - PMCG, onde trabalhamos, até os dias de hoje, como professor de Arte, do Ensino Fundamental II. Paralelamente a essa atividade, lecionamos também como professor de teatro do curso livre de formação de atores do Teatro Municipal Severino Cabral³.

Em 2006, durante o Festival de inverno de Campina Grande, importante evento cultural de nossa cidade, fomos apresentados ao *Playback Theatre* ou Teatro de Playback, como gostamos de chamar. Na ocasião do festival, houve uma oficina, conduzida pelo ator Chico Oliveira, sobre essa modalidade, que estava sendo implantada no Brasil, mais precisamente, na cidade de São Paulo. Ele era integrante de uma companhia de Playback, até então a primeira no país. Nos encantamos com a técnica e com o processo, tão bem conduzida naquele momento.

Dois anos depois, de volta à Campina Grande, Chico Oliveira resolveu criar sua própria companhia e convidou para isso alguns amigos atores. Lá estávamos nós participando da primeira companhia de Playback da Paraíba, a Bodopitá Playback. O nome da companhia foi uma homenagem a uma serra existente em um

³ O Curso de Formação do Ator, uma das atividades ofertadas pelo Teatro Municipal Severino Cabral era oferecido sob a forma de módulos, dentre eles: História do Teatro, Expressão Corporal, Análise de Texto, Leitura Dramática, Jogos Dramáticos, Técnicas Circense, Técnica Vocal, Interpretação Teatral, Dança Popular, Teatro de Rua, Maquiagem Artística, Cenografia, Iluminação e Produção Cultural.

município próximo, chamado Fagundes, onde existe um mirante em que as pessoas vão apreciar a paisagem. A palavra Bodopitá tem origem Tupi e pode ser definida como “lugar de onde se vê melhor” (GONÇALVES, 2000). Essa perspectiva se coaduna com a filosofia do Playback, em que através das suas histórias recontadas de maneira artística, as pessoas tenham um novo olhar sobre elas mesmas. Essa experiência é o motivo da escolha do objeto deste estudo, uma vivência teatral a partir do *Playback Theatre*, um teatro feito com as histórias reais das pessoas.

Em Playback quem inicia a cena é sempre o ator que foi escolhido como protagonista pelo narrador, daí, portanto, a necessidade de uma conexão entre quem está escalado para os personagens coadjuvantes. Podemos pensar, “todos conhecem a história então é só seguir a ordem, certo?” Não é bem assim, o Playback tem uma preocupação estética com a história que será recontada. A mesma precisa ganhar uma conotação artística, teatral, que só com a prática dos exercícios e os ensaios fará com que essa agilidade no improviso e na construção do desenho cênico aconteça.

Numa apresentação de Teatro Playback não existe o refazer, mas nos ensaios as atuações podem e devem ser questionadas para que possam ser aprimoradas em apresentações subsequentes. As cenas nunca são refeitas, mas podem ser pensadas em possibilidades que poderiam ter sido utilizadas ou momentos que poderiam ter sido aproveitados de forma mais satisfatória.

3 O QUE É TEATRO PLAYBACK?

De acordo com Fox (2007)⁴,

O Teatro Playback é mais que entretenimento. Ele é baseado na ideia de que todos têm o direito de contar suas histórias, e assistir a estas recriadas no palco. Além disso, quando eu vejo a sua história, eu mudo minha percepção e passo a querer contar a minha também. Desta maneira o Playback se torna uma chance de diminuir a discórdia e construir comunidades. E isto acontece através do improviso criativo e carinhoso. Todos nós temos uma história para contar. Fazer isso e depois assistir a ela recriada, pode ser uma experiência libertadora.

⁴ Consideração feita por Jonathan Fox em entrevista no IX Festival Internacional de Teatro Playback, em São Paulo, em agosto de 2007.

Como já vimos, qualquer experiência pode ser contada, seja ela uma tragédia ou uma comédia, seja ela real ou transcendental – algumas histórias podem conter tudo isso junto. No Playback o processo é eficaz, qualquer que seja o nível dos atores. O que é essencial a esse procedimento é que ele seja fiel ao que foi narrado. Esse tipo de teatro é democrático e permite que, em tempo real, a experiência teatral aconteça, pois não há necessidade de um espaço físico determinado para que se realize. Um teatro ou uma sala de casa são suficientes para que a arte aconteça, basta ter histórias para serem contadas e serem vistas.

O Teatro Playback é uma forma original de improvisação teatral na qual as pessoas relatam eventos reais de suas vidas e os veem, logo em seguida, encenados no palco. Muitas vezes, acontece em locais apropriados para espetáculos com uma companhia de atores treinados que encenam as histórias das pessoas da plateia; ou pode ocorrer numa reunião de um grupo privado, na qual os membros do grupo se transformam em atores para as histórias de cada um (SALAS, 2000, p.23).

ORIGEM E CONCEPÇÃO

Contar uma história e vê-la encenada imediatamente e sem combinação prévia é uma das características do *Playback Theatre*, criado em 1975, por Jonathan Fox e Jo Salas, nos Estados Unidos. Para Soares e Cintra (2006), a expressão Teatro Playback refere-se tanto à forma em si, quanto aos grupos que fazem este tipo de trabalho.

Nessa técnica o narrador traz a história que é descrita pela plateia e representada pelos atores. As várias histórias são representadas imediatamente após serem narradas. Segundo Arüguete (2006, apud FAVERO, 2007):

Desta forma vai se criando um encadeamento de histórias que se opõem à instrumentalização dos vínculos, onde a relação com o outro vale pelo que representa, pelo lugar social e pela eficácia das suas influências, mais do que pelo que é.

Essa operacionalização a que se refere Arüguete opõe-se ao sequenciamento habitual dos atos de interpretação, uma vez que, em cada sessão, várias histórias são dramatizadas e a cada relato se segue uma encenação, de tal forma que as narrativas acabam por formar um encadeamento (FAVERO, 2007). Assim, podemos perceber que o conjunto de relatos encenados neste dia, retrata os acontecimentos

da vida daquele grupo. É desse modo que se constitui o modelo básico do trabalho do Teatro Playback.

Visto que em uma apresentação teatral de Playback, a troca entre plateia, narrador e atores acontece de forma intrínseca, ela existe e acontece fora de qualquer convenção, na qual ambos conseguem se sentir contemplados, mesmo que a história não seja sua.

O papel dos atores, dos protagonistas e do público complementam-se, sendo que há um que conta a sua história, um outro que a representa e a devolve enriquecida em múltiplas versões, e um terceiro que assiste a ambos. Oferece um ângulo original para transitar as suas cenas: o lugar do espelho (GARAVELLI, 2003, p.21).

Ao ver uma história encenada, a plateia também se sente participante ativo daquele momento. E como o fato narrado, previamente, elimina a possibilidade da surpresa, tendo em vista que o desenrolar já foi explicitado, o encantamento se dá pela possibilidade de releitura que a arte oferece, propiciando ao narrador e à plateia um novo olhar sobre um mesmo fato. Esse fato permite percebermos a diferença entre o Teatro Playback e o teatro espontâneo.

Desenvolvido a partir do referencial teórico de Jacob Levy Moreno (1889 – 1974), médico, psicólogo, filósofo e dramaturgo romeno, naturalizado norte americano, o teatro espontâneo é definido como uma das modalidades do Psicodrama: “é uma modalidade de teatro na qual tanto o texto como a sua representação são criados no decorrer do espetáculo, sem ensaio prévio. Em vez de textos predefinidos, são utilizados temas que inspiram as histórias” (AGUIAR, 1990, p.01 apud BEZERRA et al., 2013).

Complementando, Aguiar destaca as funções sócio analítica, terapêutica e educativa do teatro espontâneo em face da sua característica interativa. Nesse entendimento, ao compará-lo ao Playback, Reñones destaca,

Se no Teatro Espontâneo uma história era montada, sendo o protagonista aquele que trazia o conflito, a situação a ser representada, no Playback várias pessoas podiam ao longo de um espetáculo contar histórias, que seriam representadas pelos atores que formavam a trupe (RENONES, 2000, p.26),.

Assim como na teoria da espontaneidade de Moreno, essa forma de improvisação teatral implantada pelo Playback procura dar vez e voz às histórias

relatadas pelo público. Neste sentido, para representar essas histórias, no Teatro Playback, utilizam-se de atores e técnicas que buscam criar uma dinâmica de representação de histórias.

Geralmente, em um ensaio ou em uma apresentação dessa forma teatral são encenadas diversas histórias, desde pequenas, como a representação de sensações, até cenas mais longas e densas. Esse procedimento ou essa forma de sequenciar a apresentação busca fortalecer, de alguma maneira, a confiança e a disponibilidade de quem está doando a sua narrativa. As histórias mais curtas servem como aquecimento para as cenas mais complexas e para que o espetáculo se torne mais dinâmico.

Segundo Siewert (2008, p.38), “Toda a estrutura de uma apresentação possui uma forma já bem definida, que foi sendo aperfeiçoada desde sua criação”. Essa metodologia teatral celebra a experiência individual e as relações entre as pessoas, por isso, Soares e Cintra consideram que o Playback explora novas formas de criação, em que são necessários: respeito, empatia e espírito lúdico, ou seja,

Esta é uma técnica que tem como base histórias da vida comum, sonhos, memórias, fantasias, tragédias, farsas, fragmentos documentais da vida de pessoas reais, é acessível, divertida e, ao mesmo tempo, remete a dimensões de profundidade e sofisticação. Pode acontecer em praticamente em qualquer ambiente (salas de espetáculo, salas de aula, jardins abertos, cela de prisões, garagens particulares etc.) porque, por sua natureza, adapta-se às necessidades e às preocupações de qualquer pessoa presente, seja dos atores profissionais ou dos próprios participantes da plateia (SOARES; CINTRA, 2006, p.4).

Durante os ensaios são desenvolvidas várias formas de se contar as narrativas. Como o Playback é um teatro de improviso, a improvisação acontece quando pessoas relatam eventos reais de suas vidas e os veem, logo em seguida, encenados no palco. Alguém voluntariamente conta uma história ou um momento de sua vida, escolhe atores para encenar diferentes papéis e assiste sua história, imediatamente, recriada em forma de arte.

Outras práticas teatrais utilizam histórias pessoais como elemento no processo de trabalho ou como objeto central de uma montagem. Contudo, debruçando-nos sobre os métodos utilizados pelo Teatro Playback, consideramos que um dos benefícios dessa técnica é a potencialidade terapêutica e de reflexão que provoca no grupo, dizemos isso pela experiência que vivenciamos durante os

nove anos participando da companhia Bodopitá. Costumávamos dizer que o Playback não era terapia e, no entanto, era inegável a função terapêutica que nos causava ao apresentar ou assistir as histórias cotidianas sendo revividas, reavaliadas.

Segundo Siewert (2008, p.1),

Entre as formas teatrais que se utilizam de histórias pessoais, talvez o Teatro Playback seja uma das que trabalhe de forma mais crua, pois consiste na encenação improvisada dessas histórias logo após sua narração pela pessoa que a vivenciou. Trata-se então de uma prática artística que quebra com a atitude passiva do espectador e com o poder hegemônico do artista. Quebra-se também com o conceito de “arte pela arte”, pois a separação entre arte e realidade não é nítida, entrando-se, muitas vezes, em aspectos terapêuticos, sociais e/ou educacionais.

Por tratar-se de uma experiência em que o momento presente é dividido entre quem narra e quem executa a cena, sugere uma conexão e uma aproximação meio mística entre as partes e a obra em si, tornando-se coletiva.

Outra característica da prática do Teatro Playback é que, além dos atores e dos músicos, conta-se também com a figura de um mediador, cuja função é moderar ou conduzir o processo ritualístico que está subjacente à representação. Em face dessa figura do mediador, acreditamos que esse teatro, pode ser utilizado em sala de aula, isso porque, utilizando as concepções do Psicodrama, o Playback poderá contribuir no trabalho com os conflitos de caráter grupal e social que surgem no cotidiano escolar, uma vez que não há um texto pré-estabelecido. Devido ao fato de as personagens serem construídas a partir do relato dos espectadores, acreditamos que o Playback proporcionará o desenvolvimento social e cognitivo, pois estimula, a cada cena, a criatividade e a necessidade de solucionar problemas para realizá-la.

Ademais, a partir da experiência com o Teatro Playback nas aulas de Arte, abrem-se novas oportunidades no ensino ou na abordagem da própria encenação teatral na escola, pois o teatro que é ensinado na sala de aula utiliza textos de dramaturgos profissionais. As estratégias de ensino aplicadas provocarão mudanças importantes na concepção do ensino da disciplina e na interação dos alunos às aulas.

Por outro lado, as estratégias teatrais desenvolvidas no teatro Playback possibilitam chamar a atenção para o desenvolvimento de novas habilidades e competências para alunos e professores. Isso, porque a estrutura de Teatro

Playback põe em evidência competências como ética e comunicação, tão necessárias ao relacionamento no ambiente escolar, onde conflitos surgem cotidianamente.

Soares e Cintra (2006) lembram-nos que uma das características do Teatro Playback é a própria espontaneidade que a encenação das narrativas pode proporcionar no momento. Nesse sentido, considera-se esse teatro “confortador e comprometido com o florescer do espírito humano”. É o que Freire (1987), definiu como uma prática libertária, ao propor uma nova forma de relacionamento entre professor e aluno, afirmando que “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p.58).

Por este ângulo, o Teatro Playback é voltado para espaços alternativos, sem exigir, para que aconteça, um ambiente específico ou que necessite, em sua estrutura física, de recursos técnicos, pois sua proposta principal é criar um momento de relação íntima entre artistas e participantes.

Basicamente a apresentação de Playback é composta por atores, o condutor e os músicos, que muitas vezes são os próprios atores que se revezam nesta função, visto que a música no Teatro Playback é muito mais narrativa do que melódica, ou seja, ela participa da cena como um elemento que contribui para a construção da narração. Podemos acrescentar, a uma apresentação, um cenário minimalista, composto por algumas cadeiras ou caixotes e, ainda, alguns adereços, que poderão contribuir na composição da cena.

Com essa definição da estrutura, podemos perceber como o Playback pode ser, sim, realizado em qualquer espaço. O que efetivamente é necessário para que ele aconteça é a disponibilidade em contar e ouvir histórias, em um ambiente onde todos se sintam acolhidos e seguros.

A própria Jo Salas, que junto com Jonathan Fox criou o Teatro playback, descreve uma estrutura cênica de um espetáculo da seguinte forma:

A montagem básica do espaço cênico é bastante simples. À esquerda da plateia – à direita do palco – são colocadas duas cadeiras lado a lado, voltadas em direção ao centro, para o diretor e para o narrador. [...] No outro lado do palco está o assento do músico e um conjunto de instrumentos espalhados sobre uma mesa baixa ou um pano aberto no chão. Na parte de trás estão alguns engradados ou caixas de madeira para os atores se sentarem e, mais tarde,

utilizarem como acessórios durante a encenação (SALAS, 2000, p.114).

Siewert (2008) pontua que o ritual é um aspecto fundamental na apresentação do Playback, pois é preciso um ambiente que favoreça o compartilhamento de suas vivências por parte da plateia. Ela complementa:

[...] É necessária a criação de um ambiente aconchegante, onde as histórias possam ser compartilhadas. É muito difícil alguém contar uma história pessoal diante de uma plateia de desconhecidos, sem antes haver uma preparação, sem haver a construção de um espaço seguro em que as regras estejam estabelecidas (SIEWERT, 2008, p.22).

Todavia cada companhia desenvolve seu próprio formato e estilo de apresentação. Nesta pesquisa detalharemos a estrutura base de uma apresentação de Playback e para entender como ela funciona, partimos do princípio de que ela se inicia antes da chegada do público, com o aquecimento corporal, vocal e emocional dos atores. O aquecimento corporal é parte do trabalho do ator. Quando aquecemos o corpo, estamos comunicando a ele que algo será solicitado, ou seja, estamos preparando-o para que ele exerça, com segurança, as várias ações que lhe serão exigidas — força, tônus e alongamento. Esse passo inicial é fundamental para tirar os componentes do grupo de seu estado de repouso.

Paralelamente ao exercício corporal, desenvolvemos o aquecimento vocal, pois corpo e voz trabalham juntos. Segundo Glorinha Beuttenmüller (1995, p. 32), o “corpo é o controle remoto da voz”.

A ênfase no ambiente, no ritual dos atores, dos sons agudos e graves faz com que a plateia, aos poucos, comece a interagir com o elenco e externar suas histórias. Isso ocorre porque os atores se valem de técnicas de jogos teatrais, o que faz com que os espectadores se envolvam com cada história relatada e, sobretudo, com a encenação dos atores.

A performance se inicia desde o aquecimento, quando é feita a apresentação do grupo e exposto o que é o Teatro Playback. Isso é necessário, pois sempre há novas pessoas na plateia. A iniciação com o aquecimento nesse formato segue as orientações de Salas (2000).

Como a base do Teatro Playback são as histórias, o aquecimento se dá através do compartilhamento de nossas histórias e suas encenações. Esse ritual nos aproxima para recebermos nossos convidados. Os convidados são recebidos pelo

grupo, e neste momento podem ser realizadas dinâmicas com o objetivo de que as pessoas se conheçam e, posteriormente, sintam-se mais familiarizadas para narrar suas vivências.

Cada grupo também cria sua forma de iniciar o espetáculo em si. Em geral, utiliza-se uma música para acolher a plateia ou ainda, se for um ambiente pequeno, a recepção é feita na porta da sala.

Em seguida, cada um do grupo apresenta-se e narra uma sensação que tenha vivido naquele dia, que imediatamente é representada pelos demais componente em forma de esculturas fluídas, nome dado a uma das técnicas do Teatro Playback que consiste em formações cênicas com som e movimento.

Uma apresentação pode ser realizada tanto para um grupo pequeno quanto para grandes plateias, mas a primeira tarefa do condutor é explicar ao público o que é o Teatro Playback, posto que é uma modalidade ainda pouco difundida e muitos desconhecem suas regras. Isso é necessário para que os espectadores se sintam seguros para relatar suas experiências de vida. A partir daí, será destacada a importância de cada história, independentemente de sua profundidade. Cada narrativa será valorizada, recebendo um tratamento artístico, o que vai demonstrar como são preciosas e prazerosas para serem compartilhadas com as pessoas presentes.

Para promover o diálogo e a integração do público, o condutor faz uma sequência de perguntas sobre o sentimento da plateia, naquele momento. Isso é feito para que o elenco faça uma sequência de esculturas individuais do sentimento do narrador, de tal modo que a pessoa consiga ver várias expressões de si mesmo. Finalizada a escultura, os atores direcionam-se à pessoa que relatou o sentimento, como que lhe oferecendo a cena.

Embora toda a plateia seja convidada a participar deste momento, a participação é voluntária. Esse momento é fundamental para que aconteça a relação de troca e confiança. É comum, no entanto, perceber que em pouco tempo os espectadores acabam se envolvendo com a dinâmica da apresentação contribuindo com suas histórias de maneira muito intensa.

Na sequência do espetáculo são desenvolvidas outras formas de representação, de acordo com a história narrada. Quem define a forma é o condutor. Então, após a narração, ele indica como esta deve ser feita. Por exemplo, existe uma forma chamada DUPLA, que deve ser utilizada quando se percebe, na

narração, uma dubiedade de sentimentos, sendo assim, cada ator que forma a dupla representa um desses sentimentos.

Com o decorrer do espetáculo é chegado o momento mais aguardado pelo público que são as cenas propriamente ditas. Nelas a plateia é convidada a contar uma história mais longa. É nesse único momento que o narrador pode ir para o palco e sentar-se ao lado do condutor. Antes de narrar sua história, no entanto, vem a entrevista. Que serve para que diretor conheça um pouco do narrador e esclareça dúvidas sobre a história. O desafio é encontrar pistas que permitam à equipe fazer teatro a partir de uma experiência narrada (SALAS, 2000).

Em posse dos relatos, o diretor vai pedindo que o narrador defina os personagens e escolha quais atores serão responsáveis para dar vida a eles por ordem de importância na história. “Na ordem em que são escolhidos, os atores vão se levantando, e vão se preparando internamente para a atuação” (SALAS, 2000, p.46).

Cabe ao condutor, neste momento, extrair da narrativa o que é essencial, pois muitas vezes os narradores divagam e precisam ser direcionados para o que é fundamental. Feito isso, atores definidos e sem combinação prévia, ao ouvir do diretor as palavras de ordem: “Vamos ver!”, a cena se inicia e o narrador tem o privilégio de ver sua história de perto.

Deve-se conferir com o narrador, ao final da apresentação, se sua história foi contemplada. Sendo assim, o diretor pergunta se a história encenada foi semelhante à narrativa que ele contou. Nesse momento, ele pode expor todas as suas impressões, comentários e sentimentos sobre o que acabou de ver. Além disso, é nesse momento que se considera um aspecto interessante sobre essa performance, a possibilidade de o narrador não gostando da encenação, querer corrigi-la ou modificá-la. Durante nossa vivência nunca presenciamos tal fato nas apresentações, mas como faz parte da proposta do Playback, esse ritual deve ser respeitado.

Após algumas cenas realizadas, o espetáculo caminha para seu final. Nesse momento, e ainda para manter o clima de integração, o elenco encerra a prática revisitando momentos que foram encenados durante o espetáculo. Essas e outras formas serão, posteriormente, explicadas em detalhes para serem utilizadas como proposta pedagógica.

Outro aspecto que caracteriza o Teatro Playback é o fato de que, assim que os espectadores contam suas vivências, “o narrador traz a história que é

representada pelos atores” (FÁVERO, 2007, p.197). A representação da(s) história(s) objetiva levar o espectador não apenas a rememorar aquela situação vivenciada, mas também a refletir sobre a condição humana, por isso esse momento deve ser bem direcionado pelo condutor.

Sobre esse formato de teatro participativo em que é possível observar e analisar emoções, Padilha (2012, p.87) assinala,

Na medida em que o Playback apresenta diversas histórias de uma comunidade a seu público, promove o contato dos membros da comunidade com histórias que compõem e compuseram o enredo comunitário, aproximando desta forma as pessoas das heranças culturais da localidade em questão.

Essa interação se torna mais eficaz à medida que a encenação conta com o papel do diretor/narrador, pois sua atuação leva os espectadores a, espontaneamente, revelar suas histórias de vida, as quais são encenadas pelos atores. Ao revelar as histórias desse grupo, o Teatro Playback aproxima-se da comunidade ao mesmo tempo em que leva essas pessoas a reconhecerem sua identidade como pertencente a uma comunidade.

Essa ideia de pertencimento é o que Salas define como competência do Teatro Playback, pontuando:

Nossa tarefa no *Playback Theatre* é ir além do que normalmente fazemos em nosso modo de contar histórias do cotidiano. Nosso trabalho é revelar a perfeição de formas e o significado de qualquer experiência, mesmo que seja narrada de maneira nebulosa e informe. Conferimos dignidade às histórias, com ritual e consciência estética, interligando-as para que formem uma história coletiva a respeito de determinada comunidade, seja a comunidade transitória constituída pelo público de um espetáculo, seja um grupo de pessoas cujas vidas estejam interconectadas de forma mais continuada. Um grupo de pessoas que compartilha suas histórias deste modo não pode deixar de se sentir conectado: o *Playback Theatre* é um poderoso edificador de comunidades (SALAS, 2000, p. 36).

Além disso, na medida em que as histórias são “contadas de novo” para o autor e para o público participante, a reflexão do autor sobre o contexto narrado torna-se inevitável, bem como o compartilhamento com o público espectador de seus sentimentos e pontos de vista a respeito dos problemas da comunidade (PADILHA, 2012).

São essas narrações que fazem com que a plateia vá se identificando com as histórias que são contadas. Portanto, seja uma reprise daquela situação para quem a vivenciou, o compartilhamento da história ajuda o protagonista a analisar, agora, o que já viveu e até a compreender, como também contribui para reflexão de quem passou por situação similar.

Dentre as várias linguagens artísticas, o teatro é a área que mais permite a interpretação do mundo de maneira mais intensa. Isso, porque a representação exige de quem a faz a incorporação de personagens utilizando-se de expressões corporais, vocais, gestuais e faciais, para dar vida a este ser imaginário ou real, além do uso da ação e do espaço para transmitir uma mensagem.

Os jogos teatrais, utilizados na formação dos grupos, permitem aos seus participantes vivenciar todos esses aspectos inerentes ao fazer teatral. É através da aplicação de jogos que podemos ser em alguns momentos atores e, em outros, plateia, favorecendo desta forma vivermos situações e emoções muitas vezes desconhecidas por nós, o que propicia outra forma de ver a realidade. Para Desgranges (2011), é através do teatro que o espectador passa a ter condições de decodificar os signos e questionar os significados produzidos, seja no palco ou fora dele. Ainda sobre os jogos teatrais e a formação de grupos, vale ressaltar que “o jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e liberdade pessoal necessário para a experiência” (SPOLIN, 2010, p.4).

Vivenciar novamente a experiência narrada e ver a sua história representada é ver através da personificação dos sentimentos e emoções o que foi vivido, só que em um novo ângulo. Nessa perspectiva, os jogos teatrais configuram-se como uma das estratégias que podem contribuir com os processos de reflexão do espectador ao ver sua história personificada pelo ator.

Muito se questiona sobre a prática do Teatro Playback e suas possíveis semelhanças com o psicodrama de Jacob Levy Moreno (1889 – 1974). No psicodrama, quando um grupo é formado, um integrante assume o protagonismo, esse protagonista vai dramatizar algum acontecimento da vida dele, que o está incomodando, ao mesmo tempo em que os outros membros buscam ajudá-lo a reviver aquela situação de forma renovada e transformada.

Sobre a relação do Playback com o psicodrama, o próprio Jonathan Fox esclareceu, em entrevista realizada durante o Festival Internacional de Teatro Playback, realizado em São Paulo, em agosto de 2007, quando relacionou as

intencionalidades de cada modalidade, que no Playback os atores representam a história e depois fazem outra, sem compartilhar e discutir com a original, apresentada pelo espectador.

Diferente do psicodrama, que busca por meio da materialização da cena desencadear uma discussão sobre as possibilidades de buscar soluções para o problema que foi abordado, no Teatro Playback é necessário que haja compartilhamento da história, pois entende Fox que ao compartilhar vivências, criam-se vínculos entre a comunidade presente. Nesse sentido, as ações desenvolvidas pelo grupo de atores, intermediado pelo condutor, fornecem condições para que seja gerado um ambiente de confiança e isso facilita para que haja interação da plateia a tal ponto que as histórias de vida, sentimentos e relações sejam relatados para serem encenados.

A experiência do Teatro Playback nos trouxe excelentes resultados, como a identificação com os personagens, o senso de comunidade e a conexão com outras pessoas. Participando de experiências com o Playback, como ator, reconhecemos o valor da prática e o resultado visível produzido na plateia.

Claramente, contar histórias é uma fonte eficiente para a performance, feita ou não pelos narradores originais dessas histórias e no âmbito dos aspectos estéticos e sociais. O mais importante é que as pessoas cujas histórias são a fonte principal da encenação, sejam beneficiadas com a arte então criada (COHEN-CRUZ, 2005).

Portanto, o Teatro Playback, enquanto forma particular de teatro interativo, que incentiva o diálogo e cria conexões entre as pessoas, pode integrar metodologicamente as aulas de teatro na escola de formação básica.

4 TEATRO, EDUCAÇÃO E O PLAYBACK

Viver uma experiência teatral é entrar em contato com uma série de sensações que, a princípio, podem nos causar estranhamento, pois nos leva a experimentar atividades relacionadas ao corpo, à voz e a construção de relações interpessoais. Sabemos que o teatro, diferentemente de outras linguagens artísticas, é uma arte coletiva tornando assim necessária a criação de laços entre seus participantes.

O teatro educação tem importância fundamental na construção da cidadania, pois como linguagem educacional permite, a quem o experimenta, desenvolver e estimular aspectos relevantes para uma formação integral, como a criatividade, o vocabulário, coordenação e o senso crítico.

Quando a escola insere o teatro na proposta pedagógica, amplia, positivamente, a experiências dos atores envolvidos no processo educacional, permitindo ao alunado uma construção que vai além da sala de aula, já que este desenvolve sua capacidade de dialogar com os outros de maneira espontânea e prazerosa e, ao professor, ajudando-o a reconhecer os aspectos da personalidade do seu aluno, a forma de agir e reagir a situações adversas, dando-lhe estratégias e ferramentas capazes de conduzir sua prática pedagógica, ajustando-se a essa realidade conferida.

Para Desgranges (2006), o valor do teatro e de sua prática na educação “precisa ser compreendido a partir do relevante caráter pedagógico intrínseco à própria experiência teatral”. O ato de fazer teatro por si só já é educativo e quanto à sua integração ao cotidiano escolar ele afirma:

O teatro quando adentra a instituição educacional não precisa, e não deve, ser um teatro “escolarizado”, “didatizado”, para que tenha importância educacional; ao contrário; deve ser preservado em sua potencialidade, pois seu principal vigor pedagógico está no caráter artístico que lhe é inerente (DESGRANGES, 2006, p. 91).

O TEATRO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA SUGERIDA NOS PCN'S E NA BNCC

Ao tratar de uma proposta de intervenção pedagógica no ensino de Arte, tendo como fundamentos o Teatro Playback, encontramos suporte no pensamento freiriano sobre arte-educação (FREIRE, 1987), pois compreendemos que um novo olhar sobre o ensino de Arte incorpora a ideia de que o aluno é o sujeito do seu conhecimento e da sua história.

A partir de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs definem que o ensino da arte deve ser dividido em quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro. E por fim, recentemente foi lançada a BNCC, a Base Nacional Comum Curricular, que coloca o componente de Arte dentro da Área de Linguagens, pois as

atividades humanas na prática social estão relacionadas às linguagens: verbal, visual, motora, sonora e digital.

Em nossa prática docente temos procurado inserir o saber artístico nas aulas, a exemplo das artes cênicas e visuais. Nesse sentido, quando a BNCC traz o teatro para o campo de experiências no ensino de Arte, permite que o discente tenha a oportunidade de trabalhar a linguagem em uma perspectiva que vai além da mera decodificação de códigos. Nesse sentido, o trabalho com técnicas teatrais em sala de aula amplia o horizonte dos alunos permitindo que ele possa vivenciar as expressões e linguagens artísticas.

Na BNCC percebe-se que a arte é colocada como objeto de conhecimento tornando-se necessária uma busca por momentos que sejam significativos e ricos em experiências concretas e que o aluno deve ser protagonista no processo de ensino aprendizagem.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores (BRASIL, 2017, p.193).

Esse recorte da BNCC revela que a proposta de ensino que temos procurado implantar já está de acordo com o desenvolvimento das habilidades pretendidas para o Ensino Fundamental, pois nossa prática docente vem articulando os vários saberes e linguagens, inserindo a leitura, a produção e a reflexão dos saberes artísticos no seu processo de aprendizagem, como explicita o recorte abaixo:

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em *performance*. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção (BRASIL, 2017, p.196).

Sendo assim, com relação ao teatro como linguagem artística a ser abordada no processo educacional afirmado na BNCC, entendemos que nossa prática está

condizente com sua proposta. No entanto muitos ainda são os desafios para seu ensino em sala de aula, sobretudo porque alguns métodos foram desenvolvidos ao longo do tempo e nem todos têm acesso a esses novos conhecimentos. Acreditando na capacidade de transformação positiva que o teatro pode alcançar na vida de quem o vivencia e refletindo sobre maneiras de desenvolver o ensino do teatro em sala de aula, não podemos esquecer dos jogos teatrais baseados em técnicas de improvisação. Sobre isso podemos afirmar que tais jogos, motivam e estimulam os alunos para que sejam capazes de expressar suas habilidades e experiências.

A forma teatral é o resultado de um processo voluntário e premeditado de criação, em que a espontaneidade e o intuitivo também exercem um papel de importância. A esse processo podemos chamar de improvisação, a qual, num primeiro momento, pode ser aplicada como metodologia, a fim de que os alunos conheçam e experimentem formas curtas que concebam a cena como jogo. Aliás, a própria proposta de inserção do Teatro Playback como estratégia de ensino se autointitula como 'jogo de improvisação para a preparação dos alunos para personificar suas vivências'. Os jogos e as técnicas de improvisação se configuram, conforme Chacra (2005),

[...] como algo inesperado ou acabado, que vai surgindo no decorrer da criação artística, aquilo que se manifesta durante os ensaios para se chegar à criação acabada. Com a conjunção do espontâneo e do intencional, o improviso vai tomando forma para alcançar o modelo desejado, passando a ser traduzido numa forma inteligível e esteticamente fruível (CHACRA, 2005, p. 14).

Acredita-se que, por meio da improvisação e dos jogos teatrais, o aluno pode se beneficiar com a aquisição e apropriação do conhecimento específico do componente curricular Arte, como da linguagem teatral. A propósito, a linguagem teatral se apresenta como recurso didático extraordinário para a aprendizagem de conteúdos de Arte numa perspectiva cultural e histórica.

Como linguagem teatral, o Playback tem como característica a improvisação, a qual consideramos que, numa prática em sala de aula, venha a favorecer o compartilhamento de descobertas e permitir que o aluno desenvolva capacidades socializadoras. Possibilita ainda, a tolerância no convívio com pessoas de opiniões diferentes e contextos próximos ou distantes da sua realidade, revisitando experiências suas e de outras pessoas. Para que aconteça é essencial, aos que são

convidados a participarem, entregar-se sem medo, pois, segundo Spolin (2010), experienciar é adentrar no espaço, é envolver-se de forma orgânica com ele, o que significa comprometimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo.

A seguir, as técnicas do Teatro Playback serão descritas com o intuito de propor uma vivência teatral na escola. Lançando como ponto de partida a criação de um núcleo de Teatro Playback com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental II. Os procedimentos, as oficinas que serão desenvolvidas, a sequência de exercícios que serão aplicados têm por finalidade desenvolver nos participantes sua capacidade criadora, pois como já foi dito, no Teatro Playback, o espetáculo é construído imediatamente após a narração das histórias. Isso nos leva a pensar em como se dá o processo de construção do pensamento criativo dos alunos, de que forma as ideias são organizadas na sua mente antes da materialização da cena.

A sistematização das oficinas e exercícios de improvisação e jogos teatrais favorecem o desenvolvimento da criatividade dos alunos, por isso é importante que a proposta pedagógica seja planejada de modo a atender essa etapa inicial.

Tendo o Teatro Playback o desenvolvimento do percurso de vida da plateia, suas vivências e emoções, acredita-se que trabalhar a criatividade com os alunos favorece o momento de colocar em prática as narrativas do grupo.

5 TODOS TEMOS DIREITO A UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

A proposta metodológica a seguir acontecerá na Escola Municipal de Ensino Fundamental Henrique Guilhermino Barbosa. A escola funciona em três turnos, sendo o horário matutino destinado aos alunos do fundamental I, à tarde para alunos do fundamental II e à noite à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Está localizada na zona oeste da cidade de Campina Grande, em um bairro chamado Catolé de Zé Ferreira. O bairro ainda é considerado zona rural, pois parte da população exerce funções de trabalho comuns a esta realidade, boa parte formada por agricultores e pequenos pecuaristas.

A escola atende a 500 alunos, divididos nos três segmentos citados anteriormente, conta com 8 salas de aulas, sala de direção, biblioteca, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), destinada aos alunos com necessidades específicas, sala de professores, cozinha, pátio coberto e uma pequena área destinada a atividades de recreação.

A proposta metodológica de formação de um núcleo de Teatro Playback na escolar será aplicada em contra turno ao horário de aula dos alunos, com um encontro semanal, tendo a duração mínima de duas horas, mas podendo se estender, dependendo da atividade que esteja sendo realizada. O público-alvo são os alunos do oitavo ano, pois acreditamos que há maiores chances de essas atividades serem estendidas para o ano seguinte, levando em consideração que cursarão o último ano do fundamental II.

A princípio, será feito um convite extensivo a todas as turmas do referido ano, não determinando ainda um número máximo de participantes. Os dois primeiros encontros serão para a conquista desses alunos, em que serão realizadas atividades de jogos teatrais para que eles se sintam acolhidos e para que nós possamos perceber, dentre aqueles alunos, quais apresentam maior engajamento e desenvoltura para se tornarem futuros fazedores de Playback.

Um grupo de Playback pode ter vários ou poucos atores. Em nossa experiência, por exemplo, percebemos que o número de participantes do grupo sempre oscilava: no início éramos doze componentes, mas fixamos nosso elenco, posteriormente, em seis ou sete, incluindo o diretor. Na escola, por acreditar que nenhum dos alunos tenham vivido ainda uma experiência com teatro, o número de dez participantes será ideal para realizar a formação proposta.

A intenção deste trabalho não é formar atores, mas proporcionar uma experiência prática com essa linguagem, pois o teatro, como metodologia, nos oferece ampla possibilidade educativa.

Podemos perceber também sua importância nos PCNs:

O teatro, no processo de formação, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que o aluno se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos [...] No plano individual (o teatro), possibilita o desenvolvimento de capacidades expressivas e artísticas (BRASIL, 1997, p. 57).

6 CONFIGURAÇÕES DO TEATRO PLAYBACK E A PRÁTICA EDUCATIVA

“– Vamos ver” - é com essa frase que o diretor, após ouvir a narração de um espectador, autoriza os atores a iniciarem a representação. Ela é um convite para

atores, o condutor e a plateia assistirem a uma apresentação teatral que começa a ser construída. No entanto, antes de apresentar as técnicas em si, gostaríamos de relatar um pouco de nossas sensações enquanto ator de Playback, durante nove anos.

Creemos que desenvolvendo a criatividade, novas perspectivas se abrem e com ela pode-se mudar a percepção da realidade. Galvão, analisando o ato de criar, a partir de sua experiência, nos mostra que:

Aprendemos que o termo “criação” tem relação com o “divino”, e com o “infinito”. Embora poético e profético, este aprendizado tem um significado de onipotência. Ficamos pensando na criação como a obra e podemos esquecer que o “dia da criação” pode ter como sinônimo o “dia da vida” (GALVÃO, 1992, p.10).

No Teatro Playback esse processo de criação precisa ser estimulado durante os ensaios. Então poderíamos dizer que o procedimento é igual nas duas situações? Não, pois em Playback o ensaio é o espetáculo. A partir do momento que o ator ouve a narração, sua mente começa a organizar as intenções para realizar a cena, até colocá-la no palco, transformada em ação. Não existe o tempo de ser elaborada ou refeita, ela acontece ao mesmo tempo em que é formada.

Quem assiste a uma apresentação de Playback costuma ter a sensação de que houve uma combinação prévia tão natural que muitas vezes é a sua concretização.

A criatividade é inerente ao ser humano, vários são os pensadores que a definem. Stein (1974, apud ALENCAR & FLITCH, 2003) afirma que a criatividade envolve a produção de algo novo, que é aceito como útil e/ou satisfatório por um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo.

Embora possamos afirmar que existem pessoas mais criativas do que outras, a criatividade é uma habilidade que pode, sim, ser estimulada e desenvolvida por uma série de etapas organizadas de forma sequencial, seja por meio da vivência lúdica, dos jogos teatrais ou da improvisação que, sem dúvida, são a essência para o desenvolvimento criativo. Na nossa prática de exercícios e jogos utilizamos as teorizadas SPOLIN (2010), que propõe e sugere uma metodologia muito adequada para atingir os objetivos das atividades sugeridas pelo professor.

A busca por transformar a história narrada em cena de teatro acaba sendo um estímulo para se criar formas de solucionar essa condição adversa em arte. Para

isso utilizamos, durante o que denominamos de ensaios, o uso de jogos teatrais, que são técnicas de vivência e exercícios que ajudam o diretor/condutor a orientar os atores ou alunos a atingirem o resultado desejado nas aulas de interpretação. Além de conduzirem as melhores formas de representação características do Teatro Playback.

O jogo teatral permite, a quem o executa, vivenciar de maneira concreta as diversas situações de uma experiência teatral, visto que em algum momento durante o jogo, você dará vida a um personagem, em algum momento você emprestará seu corpo, sua voz, para que esse personagem seja concretizado. Esses jogos/exercícios possuem como principal ferramenta a improvisação nos quais o ator/aluno vai construindo a cena de acordo com suas experiências. Em outros momentos se estaria ali apenas como espectador, mas o Teatro Playback, diferentemente de outras linguagens artísticas, se concretiza na interação com a plateia, pois consiste em uma arte coletiva em seu aspecto mais amplo.

A seguir serão apresentadas proposições referentes à prática do Teatro Playback, elencadas e descritas buscando tornar acessível seu entendimento e aplicação para quem desejar utilizá-la em sua prática de ensino de teatro.

Tudo começa com as histórias compartilhadas pelo público. O que se assemelham nessas histórias é que elas têm um início, um ambiente em que ocorrem os fatos narrados, um conflito e um desfecho. E existem diversas formas de conhecê-las: elas podem vir em forma de fábulas, de romances, em grandes enciclopédias ou simplesmente repassadas de forma oral, como um amigo que conta ao outro o seu dia, como o filho que liga para sua mãe para saber como ela está.

Contar histórias é um hábito tão presente nas nossas vidas que desde a mais tenra idade, gostamos de ouvi-las e são tão penetrantes que uma criança de poucos anos já consegue reconhecer os fatos narrados.

No teatro de Playback utilizamos a palavra 'forma' para designar a técnica a ser utilizada na atuação. Como são várias, segue-se, geralmente, um ritual pré-estabelecido. No início são encenadas as "formas curtas" e ao passo que a apresentação se desenvolve, são inseridas formas mais longas, até as cenas completas. É importante destacar, nesse momento, as emoções e os resultados atingidos pela plateia e elenco, que variam de acordo com a técnica sugerida pelo

condutor/diretor. Muitas vezes utiliza-se o formato da escultura de modo mais denso e dramático e em outros momentos, de modo mais cômico e dinâmico.

Quando utilizávamos um jogo dramático mais intenso e dinâmico, percebíamos que a plateia se envolvia de forma surpreendente com as histórias contadas e representadas e daí pudemos depreender que a emoção era um ingrediente dominante em todas as cenas. E isso não acontecia apenas quando as histórias da plateia eram transformadas em arte e eles eram tomados por sensações e emoções, isso também acontecia durante os ensaios nos quais os atores contavam suas próprias experiências e histórias. A carga emocional era tão grande, que levava o grupo inteiro a um momento de inteira catarse, de entrega emocional.

A seguir, apresentaremos algumas técnicas utilizadas no Teatro Playback:

FORMAS CURTAS

Existem muitos tipos de formas curtas que foram criadas ao longo do tempo e “intercambiadas” entre os grupos de Playback. Algumas tradicionais, que são utilizadas desde sua criação até os dias atuais. A ideia principal é que elas devem ser formas rápidas e poéticas de traduzir um sentimento ou um pequeno relato das pessoas. Nas formas curtas deve haver agilidade entre a fala do narrador, a mediação do condutor, o início da cena com o músico, a cena dos atores e vice-versa. Dentre as formas curtas a mais conhecida é a “Escultura Fluída”.

ESCULTURA FLUÍDA

A escultura fluída é uma das mais conhecidas formas rápidas de se fazer uma encenação em Playback. Primeiro, o condutor sugere que alguém da plateia conte como está se sentindo naquele momento e após alguém relatar esse sentimento, o condutor autoriza os atores a iniciarem a encenação que se dá da seguinte maneira: ao sinal do condutor, a música começa. Sem combinar, um ator entra em cena, e, parado no centro, realiza sons, falas e movimentos que representem o sentimento falado. Logo depois entra outro ator e, bem junto do primeiro, compõe a “escultura” também com sons e movimentos.

Depois que todos entram, os atores vão congelando a imagem, transformando em uma escultura ao mesmo tempo em que a música vai finalizando

a cena. Nessa forma, cada ator representa de maneira diferente o sentimento do narrador, como se a pessoa que falou o sentimento pudesse ver várias expressões de si mesma numa mesma cena. Os atores não se relacionam. Porém há o objetivo de realizar uma cena bela, harmônica e equilibrada, com os corpos bem juntos e bem distribuídos, para realmente formar uma “escultura fluída”.

TRANSIÇÃO

Quando a história, compartilhada pelo espectador, contempla dois ou mais sentimentos, ocorre o que conhecemos como transição, ou seja, alteração no formato da escultura fluída, marcada pela música.

Alguém narra um momento em que tenha vivido uma dubiedade, por exemplo: “Hoje eu acordei com muita preguiça de levantar, estava com um sono incontrolável, porém lembrei que era meu último dia de trabalho e amanhã estarei de férias. Isso me alegrou”. Exatamente como na primeira forma curta, os atores vão entrando em cena e formando uma escultura, cada um à sua vez e com movimentos e sons próprios.

Assim que todos entram e com a pontuação da música, todos vão mudando seus movimentos de acordo com a fala da pessoa (de desanimado para feliz, por exemplo). Todos os atores fazem o primeiro momento e, juntos, sem combinar, vão mudando para o segundo. O músico sempre pontua entradas e saídas. Nesta forma a atenção de quem está na condução da música é fundamental para um bom desenrolar da cena.

PARES

Outra forma bastante utilizada por grupos de Playback é chamada “pares”. Uma dupla de atores (um na frente do outro, olhando para a plateia) representam sentimentos conflitantes, simultaneamente. As cenas são rápidas e os atores ficam em seus lugares. Dependendo do número de atores, são formadas várias duplas, uma começando após o término da outra. É utilizada quando uma pessoa relata estar sentindo duas coisas ao mesmo tempo (“estou cansada, mas feliz”, por exemplo). Em cada dupla, um ator representa o cansaço e outro, a felicidade. Como

não existe combinação prévia, os atores precisam estar atentos para não representarem o mesmo sentimento.

NARRATIVA EM V

A “narrativa em V” é uma forma curta utilizada para pequenas histórias, aquelas que ainda não têm elementos suficientes para serem transformadas em uma cena completa. Geralmente elas surgem no início dos espetáculos, quando o narrador conta uma pequena história para explicar um sentimento. Nesses casos, pode-se utilizar esta forma. Todos os atores entram em cena e formam um V, estando um ator ao centro e à frente no palco e os outros formando duas filas atrás dele em diagonal.

A música começa e o ator do centro é o elemento principal desta forma. Ele narra a história contada de forma poética, colocando a pessoa que contou na 3ª pessoa, e iniciando com um título. Por exemplo: “Esta é a história de uma menina chamada Maria...” Utiliza-se o nome real da pessoa que narra a história, já que o condutor tem esse conhecimento desde a entrevista e continua... “Maria gostava de arrumar a casa cantando e dançando...”

Durante essa narração, este ator central vai fazendo movimentos para ilustrar essa história. Os outros atores vão imitando as ações desse ator ou algumas palavras ou sons importantes da narrativa. O ator central deve fazer movimentos lentos para que os outros atores que estão atrás possam segui-lo. O objetivo é ampliar os movimentos e embelezar a cena.

Para o treinamento em Playback, é importante que todos os atores exercitem essa forma, mesmo que posteriormente um ou outro acabe desenvolvendo mais habilidades. O grupo, geralmente, já tem uma pessoa definida para liderar quando o condutor pede uma narrativa em V. Mas também se pode trabalhar de forma não combinada.

O CORO

O “coro” (*chorus*) é uma forma em que um grupo de, no mínimo, três atores se juntam e um deles dá início a uma ação utilizando movimentos, sons e palavras. Os outros fazem eco dessa ação e o grupo passa a explorá-la em conjunto. Depois

outro ator faz outra ação e igualmente os outros a propagam. O grupo, ao final, acaba se movendo em conjunto. Essa técnica pode ser usada para contar uma história ou como um elemento de humor durante uma cena (SALAS, 2000).

O elenco precisa estar atento ao que foi narrado, pois surgem várias histórias durante uma apresentação, com desenrolares diversos e situações que vão do cômico ao trágico. O fundamental no Playback é respeitar a essência das histórias narradas.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Neste tipo de representação, após a narrativa, o condutor indica qual a forma que será utilizada, então o elenco divide-se em pequenos grupos que, posicionados em espaços distintos, fazem a representação de partes da história. Esse método segue a sequência da narrativa, porém não é uma regra. Por exemplo, o grupo que iniciar pode fazer a representação do final da história, podem ser utilizados sons ou movimentos, sempre conduzidos pela música que finaliza a cena e inicia a outra.

TRÊS SOLOS

Esta forma também utilizada para pequenas histórias consiste na seguinte configuração: três atores ficam perfilados e o primeiro (começando da direita do palco) inicia com movimentos, sons e palavras que tenham a ver com aspectos da história contada. Ele pode jogar com os outros atores, mas estes não respondem. Quando o primeiro congela, o segundo inicia e, depois, o terceiro. Cada ator irá mostrar diferentes aspectos da história (ROWE, 2007).

TRÊS PARADAS

Nas “Três paradas” (*three stops*), os atores representam a história em três cenas curtas. Depois de cada cena, os atores congelam (ROWE, 2007).

Semelhante à história em quadrinhos, essa forma contempla partes da história narrada que sejam mais relevantes, diferenciando-se pelo fato de apenas três atores participarem da cena.

IMPROVISAÇÃO LIVRE

Nesta forma os atores entram em cena todos de uma só vez, posicionam-se no palco, tendo o cuidado para que todos sejam vistos e começam a improvisar livremente partes da história ou sentimentos narrados. Para facilitar o entendimento das pessoas que não conhecem o Playback, poderíamos dizer que essa forma seria uma variação da escultura fluída realizada de maneira separada em que não há a junção dos corpos dos atores.

POESIA E MÚSICA

A forma “Poesia e música” (*poetry and music*) consiste numa atuação poética de um dos atores, que ao sentar-se em uma cadeira, ao centro do palco, é acompanhado pelo músico, que senta-se ao seu lado. Ele cria uma poesia em resposta à história e o músico o acompanha. (ROWE, 2007). É uma das formas mais difíceis, pois exige do ator habilidades muito específicas.

CONFABULANDO

Para essa técnica um ator, após ouvir a narrativa, e após a autorização do condutor começa a encenar a narrativa em forma de fábula. Mas o que é uma fábula?

Fábula é uma composição literária em que os personagens são animais que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes etc. Estas histórias são geralmente feitas para crianças e terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo.

Então o ator que se propuser a fazer a narrativa deve transformar a história contada, seguindo essas características, claro e sempre, respeitando o que é essencial na história.

A figura do condutor ou diretor, como algumas companhias chamam, é fundamental. É ele quem direciona, com sua sensibilidade, o andamento do espetáculo, é mais um em cena. É o condutor que percebe qual a forma que mais se adequa à história que foi narrada. Quando um grupo está iniciando seu processo de formação, se torna necessário que, antes da representação, o condutor diga a forma

e, só então, o elenco execute com o tempo e com a afinidade que a prática do Playback propicia. Muitos grupos, de forma quase mágica, realizam a encenação sem que essa determinação seja necessária.

Sempre ao final de uma forma curta, quando a música toca, os atores saem de suas posições e se voltam para a pessoa que falou o sentimento ou a história. Trata-se de um olhar carinhoso, como que oferecendo a cena feita como um presente para o narrador. Também o condutor o faz, dando oportunidade para que a pessoa possa expressar mais alguma coisa em relação à cena ou como se sentiu vendo-a. Ele pergunta ao narrador se sua história foi contemplada para que só assim, depois da confirmação do narrador, o espetáculo possa prosseguir.

NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS (CENAS)

Após a apresentação inicial e o aquecimento com formas curtas, entra-se no momento mais importante e mais esperado pela plateia de uma apresentação de Teatro Playback: a encenação de histórias. Esse é um momento que deve ser bem construído pelo condutor. Ele deve anunciar esse momento, explicar que agora os narradores terão a oportunidade de ver sua história transformada em cena propriamente dita, falar da importância das histórias, do respeito que se deve ter com elas.

É aqui também que o condutor apresenta a cadeira onde o narrador pode sentar e contar sua história. Até então as pessoas falavam sentadas de seus lugares, porém, neste momento, as pessoas são convidadas a sair de seus lugares, irem ao palco, sentarem-se em uma cadeira especial ao lado do condutor e contar sua história. O condutor deve enfatizar que a história deve ser algo que aconteceu com a pessoa que vai contá-la, não de um terceiro. Não precisa ser uma história extraordinária ou triste ou alegre. Todas as histórias são bem-vindas. Isso é o que preconiza o Teatro Playback.

Assim que a pessoa senta na cadeira do narrador, a entrevista tem início. O condutor faz as perguntas de modo que a história fique clara para os atores e para a plateia. É importante saber o nome do narrador e dos outros participantes que surgirem na narrativa. O narrador deve escolher o ator que o representará na encenação, lembrando que ator não tem sexo e que não necessariamente precisa ser do mesmo gênero do narrador. Pergunta também sobre os outros personagens e

qual a importância deles no decorrer da história. Para cada personagem que surgir, o narrador deve escolher um ator. As características físicas não são necessárias, mas se deve perguntar características psicológicas da personalidade para que os atores tenham subsídios para a elaboração dos personagens.

Quando a entrevista é encerrada, o condutor pode dar ou não indicações de cena para os atores e, ao final, fala o tradicional: “Vamos ver!”. Esse é o sinal para que os atores improvisem a história contada. A música começa e os atores, sem combinações, vão arrumar a cena, utilizando, ou não panos, acessórios e/ou caixotes. À medida que vão ficando prontos, os atores começam a ficar imóveis. Quando todos param, a música também para e a cena tem início.

Quando o protagonista inicia a cena, os outros atores vão entrando, seguindo o rumo que a encenação vai tomando, com cuidado para não desvirtuar a narrativa.

Durante a encenação da história, o músico improvisa com os atores. A ideia no Teatro Playback é tentar ser o mais fiel possível à história contada. É necessário recordar os nomes, a sequência dos fatos, tentando utilizar somente os personagens que apareceram na narrativa. Porém atores que não foram escolhidos podem contribuir com intervenções que sejam coerentes ao que está sendo apresentado. Os atores que irão representar devem estar atentos ao início e ao final da história.

Em algumas situações, a falta de informações da história altera na hora da improvisação dos diálogos, que necessitarão de intuição para a criação das falas e cenas. Para tanto, é necessário muito cuidado para não inserir elementos que fujam ao universo do narrador e da história.

Ao final da cena, os atores se voltam para o narrador e o condutor pergunta se a cena contemplou a sua história. Às vezes, se ele não fica satisfeito com a cena, esta pode ser corrigida, ou seja, os atores a refazem de acordo com as indicações do narrador.

Em nove anos de atuação, nunca aconteceu de termos de mudar a narrativa, mas é uma possibilidade que precisa ser contemplada.

ENCERRAMENTO

A finalização de uma apresentação é também um momento importante e delicado. É o condutor que comanda o tempo de uma apresentação e “sente” a plateia, para saber se mais uma história deve ser contada, ou não. Uma

apresentação pode ser encerrada com alguma forma curta, por exemplo, alguém da plateia dizer como estava se sentindo antes da apresentação e como está se sentindo ao término ou ainda com uma fala do condutor, que contemple as histórias contadas.

Pode-se também utilizar a forma chamada REVISITANDO, em que os atores formam um semicírculo no palco e revisitam momentos do espetáculo. Nesse caso, os atores é que determinam o que foi significativo para eles.

Os grupos utilizam também a música para finalizar uma apresentação. “Quando termina o espetáculo, a finalização que você fizer também vai ajudar a afirmar o significado e a dignidade daquilo que todos acabaram de compartilhar” (SALAS, 2000, p. 117). Como estamos sugerindo técnicas para serem ensaiadas ou treinadas, podem-se refazer as cenas tentando possibilidades diferentes e mais harmônicas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa opção por desenvolver uma proposta pedagógica como resultado de conclusão do Mestrado Profissional em Artes pelo Programa Profissional em Artes em Rede Nacional – PROFARTES/UFPB, deu-se pelo fato de termos sido impossibilitados de realizá-lo na prática, em virtude da pandemia que assolou o mundo no ano de 2020, tornando o ensino presencial impossível. Então, nessa nova conjuntura, resolvemos propor um processo de ensino de teatro utilizando a metodologia do Teatro Playback, unindo nossa experiência com essa modalidade teatral ao longo de nove anos, quando participamos como ator da companhia de Teatro de Playback Bodopitá, à prática de sala de aula.

Aliado a isso, pudemos incorporar a essa proposta algumas experiências e relatos de companheiros de cena, bem como algumas narrações de alunos antes da interrupção das aulas presenciais.

Por se tratar de uma proposta pedagógica, não há como dimensionar seu resultado. O que podemos afirmar é que tem sido sempre instigante não só apresentar uma modalidade teatral pouco conhecida, como também proporcionar, tanto a outros profissionais da educação, como das artes cênicas, uma proposta pedagógica que poderá ser aplicada em suas aulas de Arte. O mais difícil foi a

busca por uma linguagem acessível a quem não teve uma experiência prática com o Playback.

Sabendo que no componente curricular de Arte devem ser contempladas todas as quatro linguagens que a compõem, propomos que “O Teatro Playback na escola - uma proposta pedagógica” seja realizada em contraturno, não impossibilitando que algumas de suas formas sejam utilizadas, esporadicamente, em aulas de teatro convencional.

A proposta Pedagógica inclui, além dos relatos acima citados, uma sequência de planos de aula divididos em vinte encontros, com duração prevista de duas horas, buscando a formação de um núcleo de Teatro Playback na escola.

Essa proposta não se define como uma metodologia fechada, nossa intenção é a de entender o Teatro Playback como um recurso didático capaz de oferecer aos alunos uma vivência teatral em sua integralidade, facilitando seu reconhecimento e o reconhecimento do outro.

Assim, o professor que conduzirá o processo pode se utilizar livremente das formas e jogos propostos, acrescentar, recriar, compor, interferir da maneira mais adequada ao seu trabalho para atingir os objetivos propostos pela técnica.

O Teatro Playback, apesar de ter uma estética em sua apresentação previamente definida, permite que o grupo que venha a realizá-lo possa também criar outras formas, mantendo claro seu principal objetivo que é respeitar a história que está sendo ofertada.

Sendo assim, esperamos que essa proposta possa contribuir para o conhecimento das técnicas do Teatro Playback e suas possibilidades pedagógicas no ensino das artes cênicas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice ML Soriano; FLEITH, Denise de Souza. **Criatividade**: múltiplas perspectivas. Editora UnB, 2003.

BEZERRA, Sefisa Quixadá; VIANA, Rebeca Sales; DA SILVA, Levi Leonildo Fernandes. Teatro espontâneo: Um instrumento de sensibilização para os (futuros) administradores. **European Review of Artistic Studies**, v. 4, n. 2, p. 28-44, 2013. Disponível em: <http://eras.mundis.pt/index.php/eras/article/view/60>. Acesso em out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEE, 1997.

_____. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BEUTTENMÜLLER, Glorinha. **O Despertar da Comunicação vocal**. RJ: Enelivros, 1995.

CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

COHEN-CRUZ, Jan. **Local Acts: community-based performance in the United States**. New Jersey: Rutgers University Press, 2005.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo: Hucitec, 2011.

_____. **Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

FÁVERO, Marisalva Fernandes. Teatro Espontâneo: quando o palco não é uma fronteira entre actores e plateia. In: **Colóquio Internacional What is our life? A play of Passion - Lugares do palco: espaços da cidade**. Faculdade de Letras do Porto - Junho de 2007. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10222.pdf>. Acesso em out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Marcelo Marques. **Criativa Mente**. ed. 1ª. Rio de Janeiro: Quality Mark, 1992.

GARAVELLI, María Elena. **Odisea en la escena**. Teatro espontâneo. Brujas, Còrdoba, 2003.

GONÇALVES, Regina Célia. A Paraíba no período colonial. In: A Paraíba nos 500 anos do Brasil. **Anais do ciclo de debates do IHGP**. João Pessoa, Abril 2000. Disponível em <<http://ihgp.net/pb500.htm#1%BA%20Tema:>>. Acesso em 13 set. 2020.

HÉRCULES, Thais Carvalho. **Jogando no Quintal: a (re)invenção na relação entre palhaço e impro**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86849>. Acesso em set. 2020.

KOUDELA, Dormien Ingrid. **Jogos Teatrais**, Editora Perspectiva – São Paulo 1992.

PADILHA, Bruno da Graça Leite et al. **Teatro participativo em projetos comunitários: uma abordagem de avaliação da conscientização e das emoções**. Tese doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/16966>. Acesso em out. 2020.

REÑONES, Albor Vives. **Do playback theatre ao teatro de criação**. Editora Agora, 2000.

REVERBEL, Olga. **Teatro na escola**, São Paulo: SCIPIONE, 1997.

ROWE, Nick. **Playing the Other: Dramatizing Personal Narratives in Playback Theatre**. London, Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

SALAS, Jo. **Playback Theatre: uma nova forma de ação e emoção**. São Paulo: Ágora, 2000.

SIEWERT, Clarice Steil. As histórias no teatro playback: o pessoal e o comunitário. **Anais ABRACE**, v. 9, n. 1, 2008.

SOARES, Marcela Amorim; CINTRA, Maria Elisa Rizzi. O Playback Theatre como uma proposta educativa. **Psicologia para América Latina**, n. 8, p. 0-0, 2006.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **Jogos teatrais para sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TEATRO PLAYBACK NA ESCOLA:

Um estudo para uma proposta pedagógica



Material pedagógico para uma vivência teatral na escola

Renato Barros Barbosa

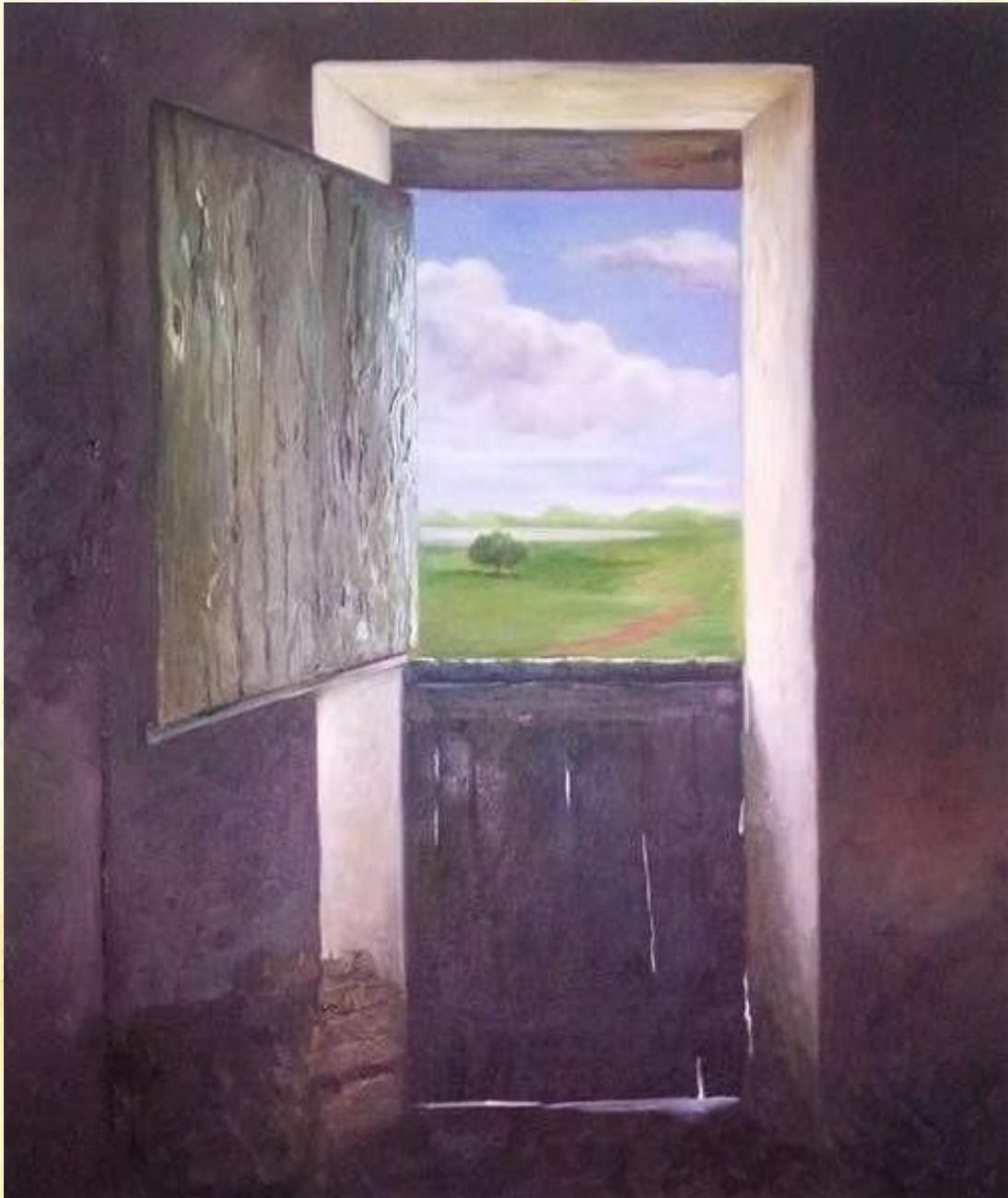
Mestrado Profissional em Artes -UFPB-2020

TEATRO PLAYBACK NA ESCOLA: Um estudo para uma proposta pedagógica

"Meu Deus, como é engraçado!
Eu nunca tinha reparado como é curioso um laço...
Uma fita dando voltas.
Enrosca-se, mas não se embola, vira, revira,
circula e pronto: está dado o laço.
É assim que é o abraço: coração com coração,
tudo isso cercado de braço.
É assim que é o laço: um abraço no presente,
no cabelo, no vestido, em qualquer coisa
onde o faço (...)"
(Mário Quintana)



AGRADECIMENTOS



Sou grato à minha família, aos meus amigos da vida, da educação e da arte, aos companheiros do mestrado, aos meus professores pela oportunidade de aprender. Em particular, à minha orientadora pela parceria e, por fim, ao meu Deus!

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
JUSTIFICATIVA.....	6
METODOLOGIA.....	7
COMO ORGANIZAR OS ENCONTROS.....	8
SUGESTÕES PARA PESQUISA.....	9
DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS.....	10
ALGUÉM TEM UMA HISTÓRIA ?.....	28
LIVRE.....	36

APRESENTAÇÃO

TEATRO PLAYBACK NA ESCOLA – UM ESTUDO PARA UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Esta proposta pedagógica faz parte do trabalho de conclusão do curso de Mestrado profissional em Arte – PROFARTES - realizado pela UFPB – Universidade Federal da Paraíba, Turma 2018, tendo como orientadora a professora, Dr^a Paula Alves Barbosa Coelho.

A produção deste material didático visa oferecer aos professores de Arte a possibilidade de introduzir em sua prática o Teatro Playback, uma modalidade teatral criada por Jonathan Fox e Jo Salas, em 1975, nos Estados Unidos.

O Playback é um teatro de improviso cujas práticas ocorrem quando pessoas relatam eventos reais de suas vidas e os veem, logo em seguida, encenados no palco. Alguém, voluntariamente, conta uma história ou um momento de sua vida e escolhe atores para encenar diferentes papéis, assistindo sua história, imediatamente, recriada em forma de arte.

Desta forma, pode se tornar ferramenta muito útil para educadores que buscam proporcionar aos alunos experiências teatrais reflexivas, fazendo-os criar laços de empatia e respeito mútuo, pois a partir do momento em que existe a troca de histórias reais, torna-se possível o reconhecimento entre si e a relação de ser com a comunidade em que se está inserido.

Introdução

O teatro, como importante forma de expressão artística milenar, sempre esteve presente, acompanhando os seres humanos em sua coletividade. Nesse sentido, “a arte em todas as suas formas(...) era a atividade social por excelência, comum a todos e elevando todos os homens acima da natureza, do mundo animal” (FISHER, 1987, p. 47).

A arte teatral está em todos os espaços: nos palcos dos grandes e pequenos teatros, nas ruas das grandes cidades, nas praças, nas igrejas e feiras.

O teatro é de natureza itinerante desde seus primórdios.

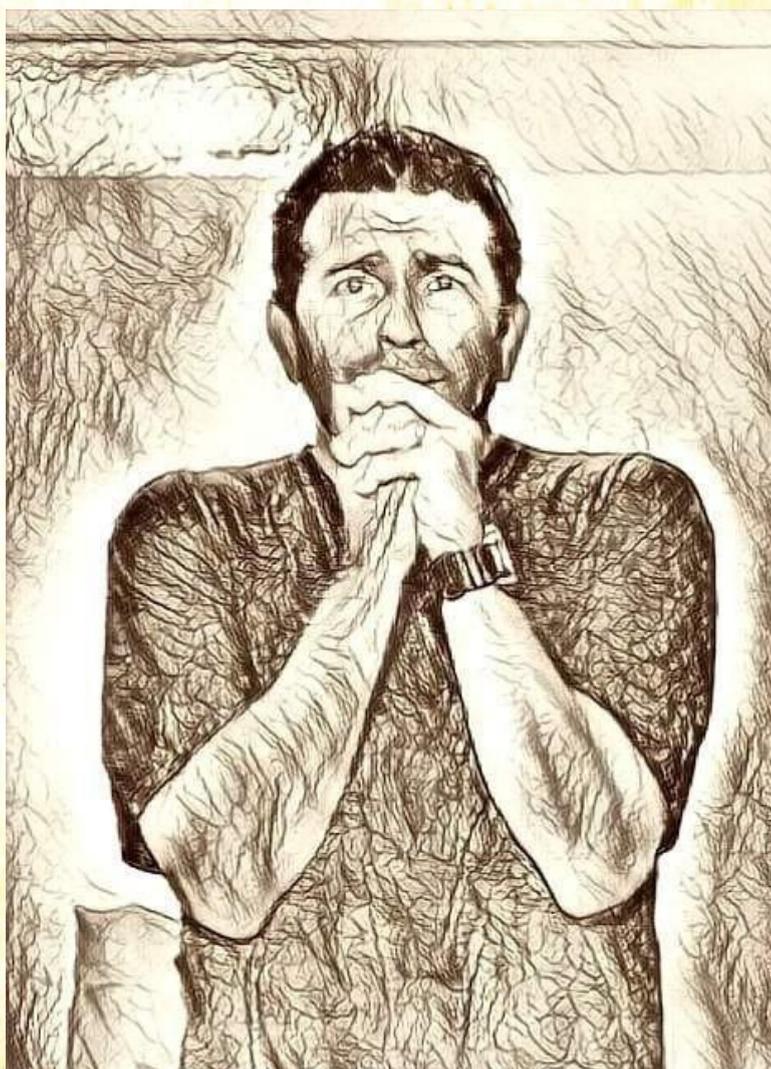
Com essa abrangência e alcance, a arte teatral também conquistou seu espaço nas escolas, sejam públicas ou privadas, pois a capacidade de se adaptar a espaços permitiu essa ampliação. O palco pode ser a sala de aula, a iluminação pode ser o sol, desta forma os processos de criação acabam se tornando ilimitados.

Esta proposta pedagógica busca discutir a prática teatral sob o olhar da metodologia do teatro Playback e as possibilidades que podem ser criadas a partir da vivência deste fazer teatral.

Justificativa

A proposta pedagógica agora apresentada em forma de material didático visa possibilitar aos professores a utilização do teatro Playback como ferramenta de transformação e estímulo à criatividade. Segundo Koudela (2006, p. 78) “O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente”.

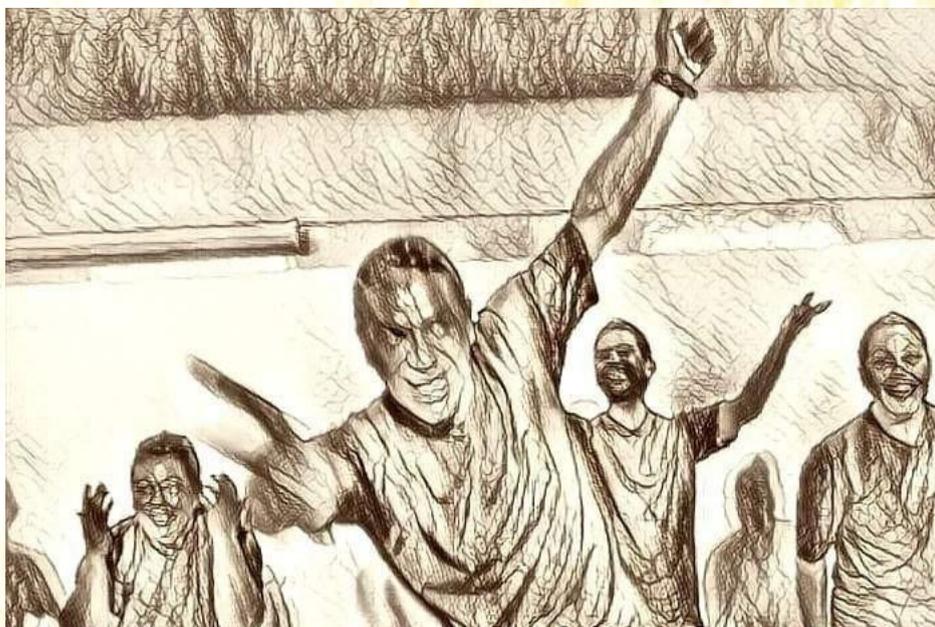
É um material pedagógico que pode ser aplicado a qualquer faixa etária da vida educacional, porém enquanto sugestão, e não regra, sugiro que seja usado a partir dos anos finais do fundamental II, visto que como o Playback trabalha com histórias pessoais, acredito que adolescentes tendem a ter mais maturidade para participar deste processo.



Metodologia

A metodologia aplicada será a dos jogos teatrais. Para isso serão utilizados, como exemplo, os jogos de Koudella, Spolin, Olga Reverbel entre outros, e das formas específicas do teatro de Playback, buscando uma vivência teatral, pois é sabido que, de modo geral, os jogos sejam teatrais, dramáticos ou de improvisação, além da ludicidade característica, favorecem o desenvolvimento da criatividade e da expansividade tão necessária às aulas de teatro. Através dos jogos podemos compreender nossa relação com o corpo, o espaço, o texto e a plateia. Como afirma Spolin (2005, p. 06) “experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele”.

Para tanto, sugerimos um roteiro com vinte encontros, descritos nesta proposta agora apresentada:



“[...]A arte teatral pode precisa ser acessível a todos” (DESGRANGES, 2011, p..3)

Fique de Olho!

Esta proposta busca uma dinâmica de informações. Neste material o professor, além das sugestões de aula para um semestre, apresentará relatos de experiências vividos nas práticas de Playback, como também o depoimento de quem teve a oportunidade de ver as apresentações.

COMO ORGANIZAR OS ENCONTROS

Uma aula de teatro não é feita só com brincadeiras. Importante que todos estejam bem aquecidos e atentos às atividades que serão propostas. É necessário deixar claro que tudo que será realizado tem uma função que vai além da diversão, pois envolve fatores como: disciplina, concentração, desinibição, trabalho em grupo, observação, segurança entre outros aspectos.

- Aquecimento - O aquecimento é o primeiro passo para que o aluno fique mais à vontade e pronto para prosseguir nos processos que virão em seguida.
- Jogos – A segunda parte pode ser formada por jogos. Depois de aquecidos, os alunos/atores estarão muito mais interessados no que está por vir, por isso é interessante que estes sejam dinâmicos e com objetivos claros.

Deve-se trabalhar aspectos primordiais para a formação do ator: corpo, fala e espaço.

ESTABELEÇA REGRAS

Parece bobagem, mas se faz necessário que antes do início desse processo, alguns acordos sejam feitos e respeitados:

- Horário de chegada;
- Intervalo para uso do banheiro;
- Uso de celular, chicletes, objetos que possam atrapalhar a boa condução do momento.

Nunca deixe o encontro acabar “do nada”. Promova sempre uma reflexão, um abraço, um olhar que favoreça a integração entre o grupo.

MATERIAIS INDISPENSÁVEIS

Como o Teatro Playback é feito por improviso, não há como prever quais materiais serão utilizados nas cenas.

Para isso, sugiro que sejam disponibilizados para o grupo, objetos diversos, que servirão como adereços para as cenas.

Na companhia da qual fiz parte, tínhamos à disposição, tecidos, corda, leques, chapéus, óculos, malas, bolsas, livros, revistas, bolas, entre outras coisas.

Como a música pode ser realizada por atores, tínhamos à nossa disposição pequenos instrumentos: pandeiros, chocalhos, flautas, clavas, paus de chuva, violão e instrumentos alternativos que produziam sons, a exemplo de garrafas, tampas, canuítas etc.

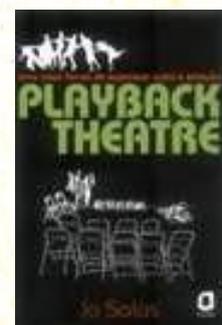
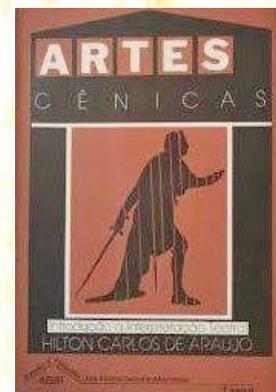
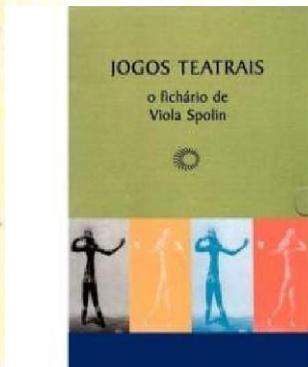
SUGESTÕES PARA PESQUISA.

Neste material que apresento, sugiro alguns jogos para serem aplicados nos encontros, porém existem muito mais materiais, como: livros, sites e apostilas, que facilitarão ao professor que deseje aplicar esta proposta e planejar seus encontros de maneira diversificada.

Sites: www.aulasdeteatroinfantil.com

www.teatronaescola.com.br

<http://artenaescola.org.br/>



DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS





ENCONTRO 01.

Neste primeiro momento, sugiro que seja apresentado aos alunos o Teatro Playback, suas formas e como se dará o processo de criação de um núcleo na escola para que os alunos possam vivenciar essa experiência.

Você aprende com a história do outro.

Como o Teatro Playback tem como característica entrar em contato com os sentimentos dos outros, propomos, como dinâmica de apresentação, os seguintes passos:

- Formam-se duplas;
- Determina-se um tempo para que estes pares conversem entre si, partilhando um breve histórico de sua vida, suas preferências, suas expectativas com relação ao trabalho que agora começa a ser iniciado;
- Ao final do tempo estipulado para essa conversa, em círculo, cada dupla fará sua apresentação, sendo que um apresenta o outro de acordo com o que lhe foi relatado. É importante esse exercício para criar vínculos e exercitar a narração individual.

Na sequência do primeiro encontro, sempre aplico jogos de aquecimento físico. Estes alongamentos podem ser encontrados em livros e manuais de teatro ou mesmo nos livros didáticos. Não quero me deter a descrever esses jogos, pois acredito que muitos já são conhecidos pelos professores.

O encerramento do primeiro encontro pode ser em círculo.

Cada um, inclusive o professor, deve relatar que sensação ou que sentimentos poderiam ser usado para nominar este momento.



ENCONTRO 02 - INTRODUÇÃO ÀS FORMAS CURTAS

- 1º momento - jogos de aquecimento físico.
2º momento - propor jogos que os alunos possam usar o corpo como forma de expressão.

Sugestão 1- Construir objetos com o corpo.

Convide os alunos a formarem grupos com no máximo cinco participantes. Explique que eles serão materiais de construção: pedra, areia, barro, madeira etc., e que, juntos, deverão formar com o corpo o que lhe for indicado.

Na sequência você determina uma contagem regressiva de 10 a 1 para que cada grupo, por vez, se transforme em: casa, escada, sofá, cadeira etc.

Vale ressaltar que todos os membros da equipe devem estar conectados formando um todo.

Sugestão 2- Narrar história com movimentos.

Narre uma história curta na qual se encontrem elementos que possam ser imitados pelos alunos.

Peça aos alunos que contem a história ouvida de forma coletiva, porém cada um narra uma parte. Agora, sem o uso de palavras, cada grupo deve nomear a história apresentada usando o corpo em movimento.

Sugestão 3- Máquina inventada.

Ainda em grupo de cinco alunos, o desafio é que cada um dos componentes dê vida a uma máquina. O primeiro cria um movimento amplo, e na sequência, os outros componentes do grupo devem criar movimentos complementares, dando vida a essa máquina inventada. Ao finalizar todas as participações, a máquina, gradativamente, vai sendo desligada, formando uma escultura.

Este jogo antecede a forma curta que denominamos de Escultura Fuída.

Deve ser repetido, porém a partir deste momento com a intenção de representar pequenos sentimentos relatados, inicialmente, pelo professor e na sequência pelos alunos. Cada aluno agora deve criar um movimento que represente o sentimento narrado, lembrando que o narrador do sentimento não participa da escultura.

Ao final de cada escultura é necessário que o narrador confirme se seu sentimento foi contemplado.

Pode-se acrescentar um som a cada movimento proposto pela máquina.



ENCONTRO 03 - FORMAS CURTAS

Depois de todo o procedimento inicial, alongamento e aquecimento, podem ser propostos jogos de exploração de situação de tensão e relaxamento.

Sugestão 1

Organize a turma em duplas, posicionando-as frente a frente de mãos dadas. Proponha que os alunos puxem:

- Para esquerda
- Para direita
- Para cima e para baixo
- Para trás e para frente

(de mãos dadas costas com costas)

O objetivo deste exercício é fazer com que os alunos experimentem sensações opostas, visto que em seguida será apresentada a eles uma variável das esculturas fluída, uma forma chamada TRANSIÇÃO, onde a partir da narração de uma história que contemple dois ou mais sentimentos.

Neste sentido, alguém narra um movimento em que tenha vivido uma dúvida. Em seguida, um dos grupos de atores devem construir uma escultura representando o primeiro sentimento. Em seguida, a escultura vai se transformando no segundo sentimento até ser contemplado completamente e congelar.

Repetir durante o encontro essa forma faz com que a equipe adquira agilidade em resolver as situações que são propostas.

É importante, desde o início de formação do núcleo, que as histórias encenadas sejam narrativas dos próprios componentes. Desta forma vai sendo construído no grupo relações de confiança para a narração de histórias mais profundas.



ENCONTRO 04 - PARES

A cada encontro devem ser revisitadas as formas apresentadas anteriormente e introduzida uma nova forma.

Relembrando as sequências dos encontros anteriores.

- 1 - Esculturas fluídas
- 2 - Transição

Nesse encontro será experimentada uma forma curta chamada de PARES.

Para exercitar a representação de sentimentos com o corpo e com expressões faciais, costumo aplicar um jogo que denomino como “jogo das expressões”, que funciona da seguinte forma:

O grupo deve se posicionar de frente para uma parede.

O professor narra uma pequena história que pode ser fictícia e ao sinal sonoro, que pode ser uma palma, todos se viram e representam o sentimento narrado com o corpo e o rosto.

Esse jogo, como todos os outros jogos, tem caráter lúdico, porém com intencionalidade para quem o executa, proporcionando aos jogadores exercitarem representação de diversas emoções.

Após uma rodada desse exercício, pode-se aplicar a forma rápida chamada PARES, que consiste na representação de histórias ainda com sentimentos opostos por uma dupla de atores, que posicionados de costas um para o outro, um deles deve ficar de frente para a plateia.

Após a representação do primeiro sentimento, a dupla gira e quem estava atrás, se coloca na frente e passa a contemplar o segundo sentimento narrado.

Como estamos no processo de aquisição de uma linguagem teatral, os exercícios podem ser refeitos para que possamos experimentar outras possibilidades, pois desta maneira exercitamos o processo de criação dos atores.



ENCONTRO 05

Até agora todas as formas que foram apresentadas utilizaram o corpo para realizá-las.

Apartir deste encontro, passaremos ao uso das palavras.
Vamos exercitar a narração.

Sugestão 1

Em círculo, pede-se que um aluno comece a narrar uma história. Ao sinal sonoro, este deve parar a narração que deve ser continuada pelo próximo até que a mesma seja concluída pelo último componente do círculo.

Sugestão 2

Partindo da sugestão 1, em círculo, um dos alunos inicia a narração da história, porém neste jogo cada aluno só pode dizer uma frase e só depois é que deve ser seguida por todo o círculo até que seja finalizada. Pedir que os alunos mantenham a coerência da história.

Sugestão 3

Semelhante ao exercício anterior, porém, nesta narrativa, cada aluno deve contribuir para a construção da história com apenas uma palavra.

Essas sugestões podem ser aplicadas várias vezes e revisitadas nos encontros posteriores.

O objetivo é estimular a criatividade dos alunos e a rapidez na solução de desafios propostos.

Como o teatro Playback é uma modalidade teatral que usa o improviso, seus atores precisam estar aptos à improvisação e este exercício facilita a aquisição desta habilidade.



ENCONTRO 06 - NARRATIVA EM V.

A narrativa em V tem como principal característica a formação dos atores na cena que deve ser no formato desta letra.

Os atores, após ouvir a narração, devem assumir a forma em V.

O ator que está no centro da estrutura, reconta a história usando a terceira pessoa e deve criar movimentos os quais durante a narrativa serão repetidos pelos outros atores que formam as duas diagonais.

É importante que esse exercício seja repetido sempre variando o ator que vai à frente para que todos tenham a oportunidade de experimentar. Além dos movimentos repetidos pelos atores das linhas diagonais, podem ser acrescentados sons ou palavras ecoadas em coro.





ENCONTRO 07 - OUTROS JOGOS DE IMPROVISAÇÃO TEATRAL

Sugestão 1 - Representação dois a dois

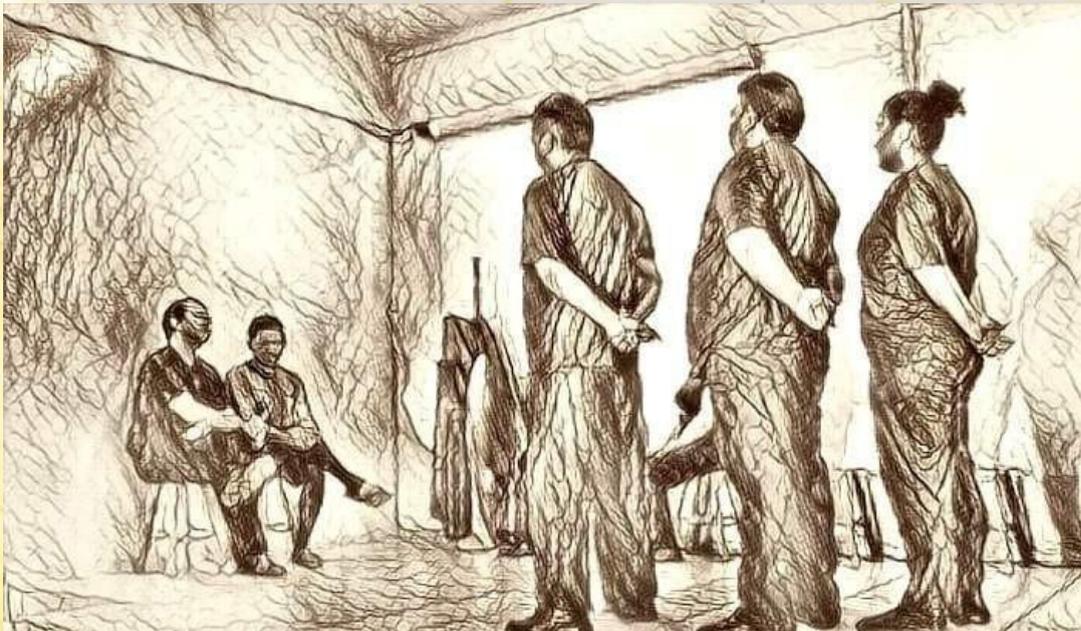
Neste jogo o condutor divide a turma em duplas e uma a uma deve, a partir de um tema sugerido, exercitar a improvisação de uma cena.

Exemplo: - Encontro casual de dois amigos que não se veem há muitos anos.

- Encontro de um padre e um ateu.
- Guarda multando um motorista.

Sugestão 2 - Jogo do transforma

O grupo posiciona-se em meia lua e dois atores vão ao centro e começam a improvisar uma cena. Ao ouvir a palavra TRANSFORME, eles congelam e outro aluno, sem a indicação do professor/condutor, toma o lugar de um dos dois que estão congelados. Para dar prosseguimento à cena, esta deve ter sua narrativa também transformada.





ENCONTRO 08

Nesta forma de representação, após a narrativa, o elenco divide-se em pequenos grupos que, posicionados em espaços distintos, deverão representar partes da história. Habitualmente essa forma segue a sequência da narrativa, porém não é uma regra. Por exemplo, o grupo que iniciar pode fazer a representação do final da história. Podem ser utilizados sons ou movimentos, sempre conduzidos pela música que finaliza a cena e inicia a outra.

TRÊS SOLOS:

Esta forma também utilizada para pequenas histórias consiste em que três atores fiquem perfilados e o primeiro (começando da direita do palco) inicie com movimentos, sons e palavras que tenham relação com aspectos da história contada. Ele pode jogar com os outros atores, mas estes não respondem. Quando o primeiro congela, o segundo inicia e depois o terceiro. Cada ator irá mostrar diferentes aspectos da história.

TRÊS PARADAS:

Nas “Três paradas” os atores representam a história em três cenas curtas. Depois de cada cena, os atores congelam. Semelhante à história em quadrinhos, esta forma contempla partes da história narrada que sejam mais relevantes, diferenciando-se pelo fato de apenas três atores participarem da cena.



ENCONTRO 09-10

CONFABULANDO

Nestes encontros, os atores vão conhecer uma forma de representação do Teatro Playback muito peculiar: A CONFABULAÇÃO

Para que possamos exercitar esta forma, os atores precisam saber com propriedade o que é uma fábula.

A fábula é uma composição literária em que os personagens são animais que apresentam características humanas e que através do seu enredo compartilha uma lição de moral com os leitores.

Sugestão 1

Antes de exercitar a atividade prática, recomenda-se que sejam lidas fábulas diversas para só então iniciar o processo de apropriação.

Sugestão 2

Cada ator deverá exercitar a contação de uma fábula. Pode-se, neste momento, sugerir que os atores busquem em sua memória um fato que tenha acontecido com eles e recontem a história para o grupo em forma de fábula, seguindo as suas características e respeitando a essência.

Numa apresentação de Teatro Playback, o espaço cênico é distribuído da seguinte forma.

Os atores escutam a narração de história em sua posição inicial no fundo do palco, sentados em bancos ou caixotes, dependendo de como a companhia determinou.

Após a narração, apenas um ator e o músico realizam a encenação. Neste momento, o ator-narrador pode utilizar todo o espaço cênico e alguns adereços que julgar necessário.

Obs.: Os atores que não estão em cena devem sempre se posicionar do lado esquerdo do palco, ao lado do ator-músico.



ENCONTRO 11E 12 - NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS (CENAS)

No teatro Playback, o momento mais esperado é aquele em que as histórias podem ser transformadas em uma cena completa.

Para que o grupo adquira maturidade para realizar esse procedimento, sugiro que antes das cenas com histórias reais, possam ser aplicados jogos de improvisação, a exemplo dos que já foram sugeridos aqui nesta proposta. Contudo, para ajudar ao professor que não tem vivência com teatro, sugerimos os seguintes jogos:

SUGESTÃO 1 - Um novo final para o clássico.

Algumas histórias clássicas fazem parte do repertório da nossa memória afetiva.

Então como proposta sugiro ao diretor-professor que faça um levantamento, junto aos alunos, sobre essas histórias e, a partir dela, dividir em cenas em grupo. Criam uma cena em que seus finais sejam modificados.

OBSERVAÇÃO: Os conceitos sobre jogos dramáticos de todos os autores pesquisados para esta proposta pedagógica têm em comum dois pontos: a importância do jogo dramático no desenvolvimento e na expressão da personalidade do aluno e a improvisação como base do jogo.

SUGESTÃO 2 – Representação em grande grupo.

Sugerir aos alunos/atores situações que serão modelos para o processo de criação das cenas, por exemplo.

- Fuga de um banco durante uma tempestade;
- Concurso de pesca;
- Sala de espera de um médico;
- Pessoas na fila de um ônibus que está atrasado;

SUGESTÃO 3 - Criação de cena a partir de uma música.

Neste jogo o professor/diretor deve ter selecionadas várias músicas com características melódicas e letras que retratem ou sugiram situações diferentes.

Os alunos devem ser convidados a criar cenas a partir do que esse fundo musical sugere. Pode-se usar também a mudança da música e fazer com que os alunos/atores mudem o sentido da história, conforme a música suger. Após a aplicação desses jogos, podem começar a encenar histórias reais que devem seguir o procedimento descrito no artigo.



ENCONTRO 13 - A MÚSICA NO TEATRO PLAYBACK

Não me cabe aqui desenvolver técnicas de ensino musical. O que sugiro para este encontro é que os alunos/atores experimentem outras formas de expressão, utilizando elementos das diversas artes.

Numa companhia de Teatro Playback costumamos chamar de ator-músico o responsável pela contribuição musical. Pode ser um músico propriamente dito, mas qualquer ator na falta de alguém específico, pode, sim, fazer e experimentar a execução da sonoplastia.

No teatro Playback o músico é um elemento participativo e vivo, pois são só melodias que são acrescentadas às cenas, mas qualquer ruído, barulho, produzido por instrumentos ou objetos que possam contribuir para enriquecer o momento da apresentação. Então como sugestão, é interessante que o diretor/professor promova um momento de experimentação e, para isso, deve-se, previamente, solicitar que os atores/alunos tragam objetos e instrumentos musicais simples como: apito, tambores, flautas, latas e/ou garrafas que possam ser utilizadas para produzir os efeitos sonoros. Se algum ator quiser, também pode produzir sons com a boca ou utilizar percussão corporal. Não há limites para a criatividade. De posse deste material, podem-se propor formas para a utilização destes objetos como acompanhamentos musicais.



ENCONTROS 14 E 15

DEFININDO UM RITUAL PARA AS APRESENTAÇÕES.

Como este material faz parte das cenas propostas pedagogicamente que, ainda não foram aplicadas na prática, propomos períodos que podem sofrer variações em sua duração e de acordo com o amadurecimento da equipe. Estimo que neste espaço de tempo já seja possível começar a definir como se dará a apresentação. A seguir, apresentamos sugestões de sequências para uma apresentação.

O ritual varia de companhia para companhia. Como vamos trabalhar com alunos, sugiro a seguinte sequência:

- Deve-se determinar um espaço para a apresentação, podendo ser uma sala ampla;
- Dividir a sala em dois espaços: O palco e a plateia. Sugiro também que a plateia seja composta por um grupo reduzido de espectadores.
- Ao iniciar, o professor/condutor deve fazer um breve relato sobre a técnica Teatro Playback e como se dá a apresentação.
- Inicia-se com as formas curtas, sendo que cada ator, um por um, se apresenta (dizer como cada um está se sentindo). Os atores deverão ir à frente do palco para representar o sentimento relatado. Se for um grupo de muitos atores, não é necessário que todos façam esta apresentação.
- Em seguida, o condutor se apresenta, relatando seu sentimento, que deve ser representado pelos atores para que, só a partir desse momento, se comece a solicitar sentimentos da plateia.

Dependendo da disponibilidade dos narradores, os atores devem experimentar outras formas de apresentação. Foram treinadas várias formas de fazer uma encenação, mas não é necessário utilizar todas. Em geral, apresenta-se algumas esculturas, pares, confabulando ou outras formas curtas para, em seguida, fazer duas ou três cenas.

No final da apresentação volta-se a executar as formas de esculturas, lançando à plateia a seguinte pergunta: “Como você está se sentindo agora?”

Quem finaliza a apresentação é o professor-condutor, agradecendo a gentileza da plateia em compartilhar suas histórias.





ENCONTRO 16 E 17

É importante nestes dois próximos encontros que o grupo exercite o ritual de uma apresentação, pois este momento será utilizado para afinar o espetáculo.

Como sabemos, no Teatro Playback, por ser um teatro de improviso, não é permitido que se repita a cena. Porém no ensaio pode-se, sim, buscar outras formas de executar as cenas. Após esses dois encontros, pode-se marcar as apresentações abertas.

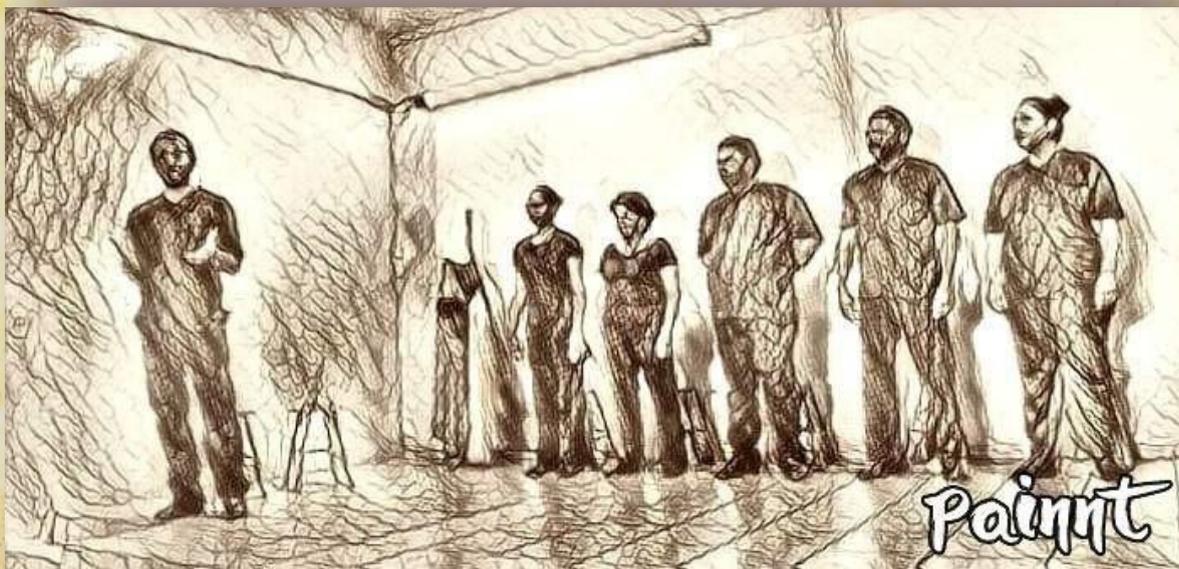
O público pode ser formado por alunos, professores e funcionários e, posteriormente, convidar a comunidade para vivenciar a experiência de ver uma apresentação de teatro Playback.





ENCONTRO 18

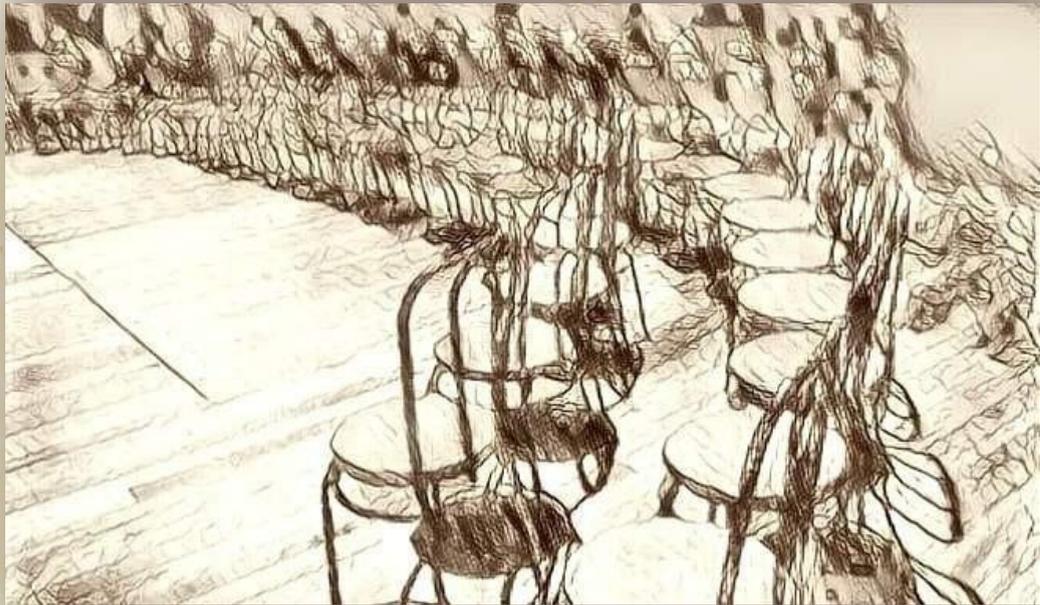
Neste encontro sugiro que seja feita a primeira apresentação aberta ao público.





ENCONTRO 19

Avaliação da apresentação e ensaios das formas e do ritual para apropriação da técnica.





ENCONTRO 20

Apresentação aberta ao público em geral.



ALGUÉM TEM UMA HISTÓRIA?



VAMOS VER!

FLÁVIO GUILHERME (ATOR E PROFESSOR)

A minha experiência com o Playback foi mágica. Eu já tinha ouvido falar e algumas pessoas já tinham comentado, porém eu nunca tinha assistido. Assisti a primeira apresentação bastante interessado e me sentindo confortável. Tempos depois tive a experiência de participar como narrador e foi muito interessante, porque foi extremamente emocionante ver aquela história ganhando vida no palco. Eles estavam ouvindo a minha história, eles estavam entrando em conexão com os meus sentimentos, com as minhas emoções.

Aquilo foi muito lindo, me emocionei, chorei, lembro que eu me senti completamente dignificado em minha história, honrado. Então, para mim, o playback é pura emoção, é um trabalho de sensibilização.

Eu acredito como profissional da educação, o Teatro Playback é um processo muito interessante a ser aplicado em sala de aula.

CLAUDIVAN BARBOSA (ATOR)

O Playback como arte que é nos lança em vários lugares, nos faz repensar situações e questões, nossas e dos outros. Nos faz exercer a empatia, a técnica do ouvir que é a base de qualquer diálogo. É uma verdadeira troca de conhecimentos de forma poética e de imensa sensibilidade e arte, vai além dos "espaços convencionais" de apresentação e vivência. O Playback é humano por si, ele é ensino e aprendizagem, ele aproxima. E na escola não seria diferente, ele soma, agrega na formação de todos não só uma formação técnica mais uma formação humana. descrever Playback sem vivenciar.

SUELLEN MARIA (ATRIZ)

O Teatro Playback com educação tem tudo a ver, uma vez que contribui para a construção social, da idealização de comunidade. Traz a concepção de respeito, de empatia, de educação para com o outro, para consigo também.

LUCIANO SANTOS (ATOR E PSICÓLOGO)

A minha experiência com o playback foi extremamente enriquecedora, primeiro como ator, porque o playback é um desafio, já que os espetáculos são montados a partir de um roteiro que é narrado pela pessoa da plateia.

Enquanto psicólogo é muito interessante a visão porque, na verdade, geralmente as histórias escolhidas têm um significado emocional muito significativo para o narrador.

JOANA MARQUES (ATRIZ)

O playback me ajudou muito, foi de extrema valia para mim enquanto artista, e enquanto atriz fez com que eu me reconectasse com o meu humano, com a minha humanidade, me permitindo também acessar a humanidade do outro.

SHEILA DONIO (ATRIZ)

Conheci o Teatro Playback em 2002, numa instituição onde eu trabalhava com a minha família como voluntária, uma instituição que dentro de outros projetos arrecadava alimentos para famílias carentes de São Paulo e uma companhia de playback se apresentou lá, eu assisti e me encantei, me conectei de uma maneira muito forte com essa forma de se fazer teatro.

Com relação ao Playback na educação acho uma ferramenta muito poderosa para qualquer pessoa, dentro e fora da escola. Entrar em contato com os seus sentimentos, suas histórias e com a sua comunidade.

THEREZINHA MARÇAL (ATRIZ)

O playback como técnica teatral, foi um instrumento de magia que entrou em minha vida. Devolver em forma de arte sentimentos que nos eram apresentados e no improviso interpretá-los. Era uma comunicação indescritível, estar atento para perceber as suas nuances e o coração aberto para devolvê-las. Difícil

NAPOLLEÃO GUTENBERG (ATOR E ILUMINADOR)

Tornei-me ator de Playback a convite de um amigo que já possuía experiência vivida na primeira companhia de Playback criada no Brasil e que resolveu montar aqui em nossa cidade a primeira companhia do nordeste. Foi através do Playback que pude crescer como ator passando a ver com mais clareza, atenção e respeito o trabalho do outro. Por meio do Playback, através das suas histórias, é possível construir uma relação de troca entre atores e plateia, provocando fortes sensações que muitas vezes nos fazem reviver momentos passados na vida de cada um que assistia. O Teatro Playback pode ser um instrumento de reflexão.

O Teatro Playback pode ser importante na educação, uma vez que por meio desse formato, sugere aos alunos uma forma de respeito para com o outro, se tornando de maior entendimento, aprendendo a oferecer e a receber. O Teatro Playback nos faz crescer ainda mais como pessoas e como ser humano. É realmente muito especial.

FRANCISCO OLIVEIRA (ATOR)

É uma ferramenta extremamente importante para promover o diálogo entre as pessoas. Então, quando Jonathan Fox criou o Teatro Playback, ele enxergou essa grandiosidade, essa oportunidade das pessoas estarem reunidas. Contando suas histórias de vidas e você aprende com a história do outro, você ainda vê em forma de arte essa história sendo representada. Então, por isso que o Teatro Playback é tão importante para formar, para educar e transformar pessoas por meio da linguagem artística. O Teatro Playback é um abraçar, é um estar reunido contando, ouvindo e transformando essas histórias em arte.

IRENE PONCIANO (ATRIZ E PSICOPEDAGOGA)

Meu primeiro contato com o Playback se deu através do convite de amigos atores para assistir uma apresentação. Confesso que fiquei encantada com aquela forma de fazer teatro em que os atores representam de improviso as histórias contadas por pessoas da plateia. Daquele dia em diante, passei a comparecer sempre,

O Teatro Playback possibilita pessoas da plateia de qualquer idade, seguimento social ou profissão a se colocarem como contadores de histórias, de forma natural, sem discriminação de gênero, podendo ser contados, sonhos, história vividas, lembranças importantes, tragédias ou vivências engraçadas. A pessoa é quem escolhe o que quer contar e sua escolha é acolhida e respeitada.

MANUEL ARRUDA (PROFESSOR)

O playback, pra mim, foi uma surpresa muito boa, muito agradável.

Um teatro onde o texto e a encenação eram construídos na hora, reproduzido na hora por meio das histórias contadas pelo público.

Diante daquelas histórias, que eu via e que eram encenadas, algumas nos tocavam mais, pois às vezes nos faziam refletir algo que tinha ocorrido conosco porque às vezes a gente tinha um pouco daquilo também. A gente sorria, chorava, divertia, se emocionava. Era um programa de família.

Gostávamos tanto, eu, a minha esposa e os meus filhos, que ficávamos esperando o dia da apresentação.

JULIO CESAR (ATOR)

O Teatro Playback é uma forma grandiosa de fazer arte porque ela vai mexer com sentimentos humanos. Os atores, o músico, o diretor, toda equipe da companhia vão montar um espetáculo nunca visto, nunca repetido. Então, é necessário que haja muita entrega, sobretudo compromisso e responsabilidade com as emoções que são ditas, com as histórias que são contadas. Por todas essas qualidades e todas essas características que o Teatro Playback pode sim ser importante como recurso pedagógico na educação. Os professores, os educadores, os pedagogos, de uma forma geral, têm como utilizar o Teatro Playback em suas salas de aula, a fim de desenvolver técnicas e sociabilizar os seus alunos.

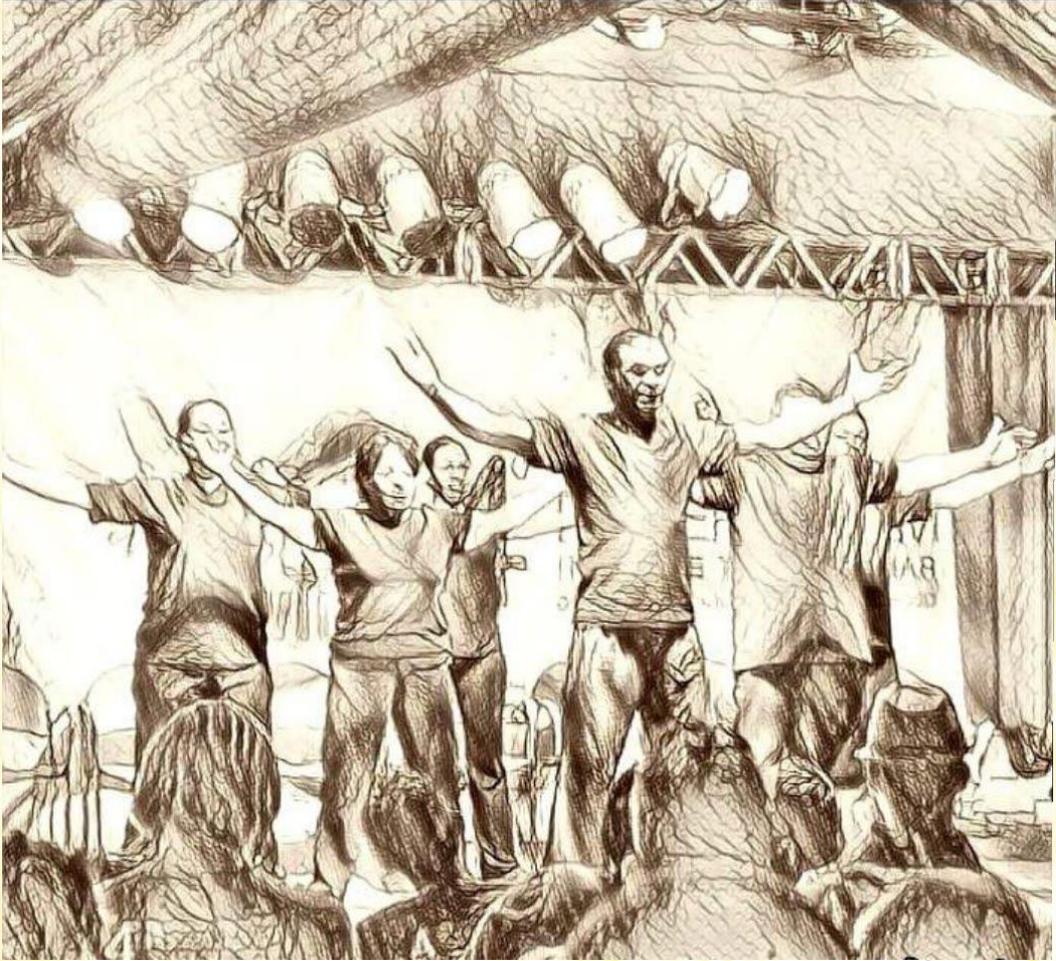
SERGIO SIMPLÍCIO (ATOR E PROFESSOR)

Eu sou ator, sou professor e tive a oportunidade de trabalhar com Playback durante quatro anos. Conheço as técnicas de Playback e vejo que elas são úteis para se desenvolver enquanto ser humano. O Playback oferece muitas possibilidades emocionais e a busca pela criatividade que é um princípio básico do desenvolvimento. Já dizia Celso Furtado quando afirmava que “quando se tem criatividade a gente atinge um grau de desenvolvimento e de maturidade para uma sociedade”. Então, isso acontece também em sala de aula. O Playback ajuda demais no desenvolvimento emocional, social e interativo entre os alunos e o professor.

LIVRE

Gilson Gonzaga

*Deixa-me partir,
Deixa-me ir!
O teu tempo já passou.
Saibas que me aprisionares,
Tu não vais mais conseguir!
A prisão que és tu,
Não cabe mais em mim.
Não sou pássaro que se prende;
Sou vento que corre solto
Nos prados a soprar.
Sou o contrário de todas
As regras impostas por ti.
Eu olho o mundo sob
Uma perspectiva insana...
Quem, portanto, és tu
Para querereres me direccionar,
Se não consegues entender a
Minha visão distinta?
Distancio-me de tudo aquilo
Que almejas para mim,
Pois no meu entender são
Caminhos com trilhas feitas.
És apenas lembrança fugaz,
Pensamento que nada mais significa.
Solta-me dos teus enlaces frívolos,
Tua seiva nunca mais vai me grudar.
Tentas e somente terás incertezas.
Sou aquilo que não mais volta,
Sou plumas espalhadas no ar.
As gotas de orvalho nas folhas
São lágrimas que não mais vou derramar.
Se sou tudo o que não entendes,
De que adianta tentares me aprisionar?*



FIM